

# REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA

Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: F. Cordas, E. Ferreira,  
M. Laranjeira, M. Lourinho, F. Mendes e E. Miranda

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA  
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.

RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso ..... 2\$00

Assinatura anual ..... 20\$00

ANO XVIII

NOVEMBRO 1957

N.º 134

## AOS PASTORES E OFICIAIS DAS IGREJAS

*Uma nova Semana de Oração está a chegar, e quão gratos devíamos sentir-nos pelo privilégio de unirmos os nossos corações e vozes em louvor a Deus pelas bênçãos que tão abundantemente tem derramado sobre nós desde a nossa última Semana de Oração anual.*

*Há muitos anos que a Igreja põe de parte uma semana especial para o propósito de procurarmos Deus de uma maneira especial. Devemos procurá-Lo durante todo o ano, porque sem esta comunicação com o nosso Pai Celestial a nossa vida espiritual em breve murchará. Nada nos prende mais ao trono de Deus e a esta maravilhosa mensagem do que a oração. Durante a Semana de Oração é muito natural que procuremos o Senhor unidos e oremos todos pelo derramamento do Espírito de Deus, por essa preparação de vida e de coração que nos habilita a permanecer na hora da crise que está diante de nós.*

*Nestes tempos atribulados e solenes em que vivemos, e de incertezas, devemos procurar o Senhor como nunca o fizemos antes por auxílio, protecção e libertamento das coisas que se põem entre nós e o nosso Deus e impedem o derramamento do Seu Espírito Santo.*

*O procurar a face de Deus significa mais do que meramente fazer uma oração. Procurar revela um desejo; significa dirigirmos os nossos pensamentos, a nossa vontade e as nossas afeições para Cristo, com um sincero desejo de que as nossas vidas sejam dirigidas por Ele. As nossas orações não devem ser superficiais. O procurar a face de Deus acarreta consigo o pensamento de esquadrinhar o coração, do exame de si mesmo e de perseverança até que a resposta às nossas petições seja assegurada.*

*Todas as mensagens devem ser lidas com um profundo desejo de pôr as nossas vidas de harmonia com as verdades que elas apresentam e com uma nova determinação de que unidos avançaremos para completar a tarefa que nos foi confiada.*

*Durante esta Semana de Oração, Deus pede uma fé que remova o Céu, que traga livramento aos Seus filhos sofredores, que abra as portas agora fechadas ao Evangelho, e que realize a terminação rápida da Sua obra.*

*Podemos, se assim quisermos, fazer desta Semana de Oração a melhor da nossa experiência. Quando vimos a Ele com coração contrito e um desejo duma mais profunda e mais ampla experiência com Ele, Ele não nos desapontará.*

(Leitura para Sábado, 16 de Novembro de 1957)

# Uma preparação para a Vinda do Senhor

por ELLEN G. WHITE

O pecado é, verdadeiramente, uma coisa monstruosa. Manchou a beleza moral de grande número de anjos. Entrou no nosso Mundo, e quase que apagou a imagem moral de Deus esculpida no homem. Deus, porém, no Seu Grande amor dispôs as coisas para que o homem pudesse reaver a posição da qual havia caído pela astúcia do tentador. Jesus veio ao Mundo para se colocar à frente da humanidade, para modelar em todos nós um carácter perfeito. Aqueles que O recebem, nascem de novo. «E a todos aqueles que O receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus».

Jesus viu a pobre humanidade, através do poder esmagador do pecado, possuída demoniacamente pelo príncipe das potestades do ar, e impelida fortemente para os meandros do pecado. Mas também viu que um poder mais alto estava preparado para defrontar e vencer Satanás. «Agora é o juízo deste mundo», disse Jesus; agora é o momento de expulsar o príncipe deste mundo». Viu Jesus que se os seres humanos acreditarem n'Ele, receberão o poder eficaz contra as hostes dos anjos decaídos, cujo nome é legião. Jesus consolou e animou a sua própria alma com o pensamento de que pelo admirável sacrifício que estava para realizar, o príncipe deste mundo seria vencido e banido, e que então, a humanidade, mediante a graça divina seria de novo colocada no lugar que Deus lhe destinara, e que voltaria a ganhar o que havia perdido.

Que requer o Senhor da herança que comprou com o seu precioso sangue? A santificação de todo o ser, — pureza, como a pureza de Jesus, e perfeita conformidade com a vontade de Deus. Irmãos e Irmãs, Deus exige isto de nós. Ninguém que tenha desfalecido neste ponto, ou que tenha sossobrado poderá entrar na cidade santa. A palavra de Deus que

temos a realizar é: «Eu sou o Omnipotente; anda diante de Mim, e serás perfeito.» «Ser-me-eis santos: porque eu o Senhor sou santo, e separei-vos dos outros povos, para que sejais meus». «Fostes comprados por bom preço: por isso glorificai ao Senhor nos vossos corpos, e nos vossos espíritos, que são de Deus.»

Ele «entregou-se a Si mesmo por nós, de modo que nos pode salvar de toda a iniquidade e purificar-nos como um povo peculiar, zeloso de boas obras.»

Podemos, nós podemos revelar o aspecto do nosso divino Senhor. Podemos conhecer a ciência da vida espiritual. Podemos honrar o nosso Criador. Mas, pergunta-se: fazemos nós isto?

Ó! que maravilhoso exemplo não temos nós na vida que Jesus viveu nesta terra! Mostrou-nos Ele claramente, o que poderemos realizar de harmonia com Ele e cooperando, portanto, com a divindade.

Devemos procurar a união de que o Senhor Jesus fala, quando diz: «Permanecei em mim, e Eu em vós». Esta união é mais profunda, mais forte, mais verdadeira, do que qualquer outra união, e, por isso mesmo, é capaz de produzir todos os bens.

Todos aqueles que estão assim unidos ao Salvador, são controlados pela Sua vontade, ao mesmo tempo que são movidos pelo Seu amor, para sofrer com os que sofrem, para se alegrarem com os que se alegram, para se compadecer de todos os que se encontram na aflição, na tristeza e na angústia.

É indubitável que mais alto que todos os pensamentos que se possam ter, são os planos de Deus a respeito dos Seus filhos. Satanás esforça-se, continuamente para

manter o povo de Deus, numa situação mesquinha.

O Senhor quer que as nossas mentes sejam puras, as nossas aspirações elevadas e o nosso amor abundante. E só assim aquela mesma paz que receberemos da parte de Deus se poderá transmitir, larga e copiosamente para todos aqueles com os quais entrarmos em contacto. Deste modo a atmosfera em que viverem as nossas almas será de pureza e de grande consolação.

Mas, infelizmente, como são poucos os que se esforçam por alcançar tão elevado ideal!?...

Satanás trabalha incessantemente para manter o povo de Deus numa situação mesquinha, de constante enfraquecimento e numa atmosfera não-cristã. E, desgrazadamente, muitas vezes, consegue os seus tenebrosos planos!...

Nas nossas igrejas há muitos Irmãos que não têm o espírito do Mestre; há muitas pessoas que vivem como se estivessem neste mundo, apenas para viver esta vida terrena.

Esquecem-se de que o inimigo assalta todos os que professam ser filhos de Deus, procurando arrastá-los, de modo a desapontarem e a desonrarem o seu Salvador. Esquecem-se de que a pureza e a abnegação que caracterizaram a vida de Jesus deve, também, caracterizar as suas próprias vidas, pois de outro modo, no dia do Senhor — naquele grande dia — terão de ouvir dos lábios do Salvador a sentença irrevogável: «Lançaí fora o servo inútil onde há pranto e ranger de dentes».

Recebi instruções especiais com respeito ao perigo de caminhar fora do trilho marcado por Jesus, assim como do perigo da maledicência e das discussões.

É necessário mantermo-nos diante da presença de Deus numa reverente atitude de arrependimento, por causa das faltas de caridade e de amor que temos para

com os nossos Irmãos, e principalmente, para com Aquele que morreu por nós. Infelizmente, o ouro da caridade e da fé não é muito abundante entre nós. Há muitos que seguram o pendão da verdade e da fé, apenas com as pontas dos dedos. O precioso tempo que deveriam empregar em falar do poder do Salvador para os salvar e para nos salvar, gastam-no, ingloriamente, tratando dos efeitos do pecado. Se não se decidirem a fazer uma mudança radical nas suas vidas, serão encontrados em falta; do mesmo modo, se não se resolverem a transformar, inteiramente, os seus caracteres, nunca entrarão no reino dos céus. É necessário que se efectue um trabalho sério e profundo nos corações daqueles que professam ser filhos de Deus. Até que revelem a fé que trabalha pelo amor e purifica as almas, nunca poderão efectuar nenhum verdadeiro trabalho para Deus.

É necessário que todos os nossos Irmãos se dediquem, realmente à tarefa, que lhes foi indicada: — o trabalho da salvação das almas. Que ninguém se atreva a pensar que qualquer dos Irmãos recebeu o encargo de fiscalizar ou de criticar o trabalho dos outros.

A verdade é que os que põem todo o seu esforço no trabalho que Deus lhes deu, não têm tempo para criticar os esforços dos seus Irmãos, que realmente, trabalham, nem tão pouco têm tempo para enfraquecer ou debilitar os esforços dos que colocam toda a sua energia e vigor no avanço da Obra de Deus.

Que ninguém pense, ninguém, entende-se, nenhum irmão, nem nenhuma irmã — que ninguém pense que recebeu o encargo de levar informações de desânimo, ou de deficiências, e muito menos, de pecados, de uma igreja para outra, ou de uma Conferência para outra, ou de uma União para outra, ou de uma Divisão para outra.

Muito tenho eu sofrido sabendo como tantos irmãos gastam tanto e tão precioso tempo, neste tão infeliz e cruel trabalho: levar de uma parte para outra as deficiências, as faltas de qualquer irmão.

O que nos incumbe proclamar, alto e bom som, a todos os cantos da terra, são as mensagens dos três anjos.

Aqueles que perdem o seu tempo pensando e falando no pecado, estão como que construindo com aquele material representado pelas expressões da palha, madeira, praga, ramos secos, que serão consumidos pelo fogo dos últimos dias. Verão, então, que malbaratarem o seu tempo debilitando igrejas, instituições e conferências.

É evidente que Deus detesta tal trabalho. Por isso pedirá rigorosas contas a todos aqueles que se dedicam a tal espécie de trabalho. Os que temem a Deus e acreditam na Sua palavra, devem pôr uma guarda em torno dos lábios. Devem fazer o firme propósito de não falarem aquelas coisas que possam prejudicar a causa de Deus, ou dar um mau testemunho acerca do trabalho que se está fazendo em qualquer das Suas instituições.

Devem sim ser diligentes em evitar toda e qualquer palavra que possa servir de tentação; todas as suas palavras e conversas devem ser de molde a suscitar a coragem para o trabalho a favor das almas, em todos aqueles que as ouvirem.

Assim como o vento arrebatava para sempre, para nunca mais voltar a trazer, as folhas secas, assim também quaisquer palavras de suspeita ou de desconfiança, que se ouçam, nunca mais devem ser recordadas.

Pode dizer-se que as conversas de aspecto não-cristão se encontram na proporção de nove-décimos na base de todas as dificuldades que existem na igreja. Os agentes de Satanás estão industriosa-mente trabalhando para levarem os Cristãos a falarem inadvertidamente. Não temos tempo, nestes últimos tempos, em que vivemos, para andar a discutir uns com os outros. Os que se dedicam a pensar no pecado e a falar em tudo aquilo que é pecado, não fazem ideia do precioso tempo que perdem e fazem perder aos outros. Os servos de Deus foram chamados para apaziguar as dificuldades que surgirem entre os irmãos; por isso

têm de empregar o seu tempo em salvar as almas, que vão perecendo à sua volta, dedicando, assim todo o seu tempo à missão de espalhar o Evangelho.

Irmãos e Irmãs! Sintam-se tomados de receio, quando ouvirem falar contra os vossos obreiros amigos. Fostes alistados na hoste do Senhor, para combater contra as forças de Satanás, e por isso não tendes tempo para combater contra os vossos próprios soldados amigos. Aquele que está verdadeiramente convertido não tem tempo para pensar ou para conversar sobre as faltas dos outros. Os seus lábios estão santificados, e como testemunha de Deus testifica que a graça de Jesus lhe transformou o coração. Com a sua atitude não deve dar a ninguém nenhum ensino de proferir palavras de desencorajamento ou de descrença. Não recebeu ordens para castigar o erro e o pecado amontoando outros abusos sobre aqueles.

Devemos empregar palavras de delicadeza, palavras de ternura, pois são elas o fruto da árvore cristã; tais palavras vencem toda a rudeza.

Só a eternidade nos poderá revelar o mal que as palavras violentas provocaram tanto naqueles que as proferiram, como naqueles que as ouviram.

Mantenhamo-nos firmemente ligados Aquele que tem todo o poder no céu e na terra, e embora, por vezes tenhamos caído façamos o bom propósito de não reincidir, de modo a podermos ser um belo exemplo de paciência cristã.

Recordemo-nos de que só entrarão no reino dos céus os que tiverem vencido a tentação de pensar ou de cometer o pecado.

«O trabalho da justiça será a paz; e o efeito da justiça, a tranquilidade e a confiança para sempre».

Jesus será para o Seu povo a realização de todas estas palavras, desde que esteja disposto a obedecer ao convite de O seguir. Jesus será para todos os que confiarem n'Ele a vida e o poder, a força e a eficiência, a sabedoria e a santidade. Deus chama-nos a todos a viver com Jesus e a revelar esta

vida ao mundo. Quando assim procedemos, desaparecem os preconceitos e até as mesmas dificuldades se vão resolvendo quase por si mesmas.

Devemos congregar-nos em torno do grande Missionário e encher os nossos corações de gratidão e amor.

Irmãos e Irmãs!! Em vez de passarmos o nosso tempo a olhar para a vida dos outros e a criticá-la, entreguemo-nos, antes, generosamente àquele mesmo trabalho que Jesus fez, enquanto viveu neste mundo.

Ah! Como Ele trabalhou denodadamente. No Templo e nas sinagogas, nas ruas das cidades, nas praças e nas casas, à beira-mar e nas montanhas, — por toda a parte Jesus pregava o Evangelho e curava os doentes. Toda a Sua vida foi de abnegação e deveria ela constituir o nosso compêndio de estudo diário. O trabalho que Jesus iniciou, deve ser, agora, continuado por nós mesmos.

Irmãos e Irmãs! Que trabalho fizemos nós, para a obra de Deus, durante todo este último ano? Pensais, porventura, que só aqueles homens que foram ordenados como ministros do Evangelho é que devem trabalhar para a salvação da humanidade?

Não e não. Todo aquele que pronuncia o nome de Jesus tem essa obrigação, porque Deus assim o espera. Talvez as mãos dos ministros consagrados não tenham sido colocadas sobre vós, mas nem por isso estais dispensados de desempenhar a missão de mensageiros de Deus. Se qualquer de vós tiver experimentado como Deus é bom em dispensar as Suas graças, se algum de vós tiver conhecido o Seu poder salvador, — tais pessoas não serão capazes de se coibir de apregoar as misericórdias do Senhor, nem de lançar o pão sobre todas as águas. Para cada um e para cada circunstância, tais pessoas terão a palavra apropriada. Saberão guiar, devidamente, os passos de todos os fiéis para dentro da congregação. E os seus esforços não os cansarão, porque o Espírito de Deus trabalhará neles.

Já dissestes àqueles com quem

tendes contacto, qual é a bandeira sob a qual estais alistados? Podem eles ver, através da vossa vida, das vossas acções e das vossas palavras, que sois um verdadeiro cristão, um verdadeiro seguidor de Jesus?

O! Que os nossos corações possam ser profundamente impressionados com a importância de vivermos uma vida de santidade, e que o mundo possa conhecer em nós, que vivemos com Jesus e que aprendemos com Ele. A dignidade cristã não depende dos talentos brilhantes de cada um, nem de nascimentos ilustres, nem de faculdades excepcionais, mas da pureza de coração — de um coração purificado e refinado, em que se reflecte a imagem da divindade. É a presença de Jesus em nós, desse Jesus que deu por nós a vida, que nos embeleza a alma. Não necessitamos de pregadores eloquentes, mas sim de obreiros humildes, consagrados, — homens e mulheres que vivam a vida divina em Jesus. São os homens de oração que são verdadeiramente homens de poder. Serão eles só os únicos capazes de levar os pecadores para as bordas do Cordeiro.

Prezados Irmãos e Irmãs! Não permitam que as coisas triviais da vida absorvam o vosso tempo e vos prendam a atenção. Deveis manter a vossa mente na consideração dos temas gloriosos da Palavra de Deus. Um estudo destes assuntos dar-vos-á a força necessária que vos retirará das provas e dificuldades dos últimos dias, e levar-vos-á para onde podereis caminhar com Jesus, bem unido ao Mestre e Salvador.

Na Palavra de Deus, bem estudada e bem obedecida, temos nós um guia espiritual e instructor, mediante o qual as piores formas do pecado em nós mesmos se podem sujeitar à disciplina da sua lei. Se os ensinamentos desta Palavra controlarem as nossas vidas, se as inteligências e os corações se sujeitarem ao seu maravilhoso poder, teríamos, então, a ventura de ver como desapareceriam os pecados que agora existem nas igrejas e nas famílias. Desceriam, então,

nos lares convertidos as mais puras bênçãos, e destes mesmos lares brotaria uma boa influência que tornaria o povo de Deus num poder para testemunhar acerca da verdade.

Mas há muitas pessoas nas nossas igrejas que pouco sabem sobre a maneira de manobrar com a verdade, para estes nossos dias. É que não procuraram a verdade com corações humildes e contritos.

Dirijo um apelo aos membros das nossas igrejas no sentido de não deixarem de considerar o cumprimento dos sinais dos tempos, que tão eloquentemente nos dizem que o fim está próximo. O! Quantos e quantos que não cuidaram da salvação das suas almas, não terão de exclamar, amargamente: «A colheita passou, o verão terminou e nós não nos salvámos»!

Lembremo-nos que nos encontramos numa semana especial, na qual poderemos estudar e apreciar os nossos casos! É este o tempo aceitável para vigiar e orar, para repudiar toda a complacência própria, todo o orgulho, todo o egoísmo. Os preciosos momentos que tantos esbanjam, devem ser empregados na meditação e na oração. Muitos que professam estar guardando os mandamentos de Deus, estão, apenas, seguindo a sua própria inclinação em vez do dever. Tal como se encontram, agora, não são dignos da vida eterna. Para todos estes descuidados e indiferentes, quero dizer: «Os vossos vãos pensamentos, as vossas palavras desagradáveis, os vossos egoísmos, — tudo isto está registado no livro do céu. Os anjos que estiveram presentes na orgia idólatra de Belsazzar, estão de pé, junto de vós, quando desonrais o vosso Redentor. Tristemente regressam eles de junto de vós, lamentando que tenhais crucificado, novamente o vosso Redentor, e que O tenhais envergonhado.

«Quem de entre nós habitará com o fogo devorador? Quem de entre nós habitará com as chamas eternas?»

Certamente que habitará nas alturas, aquele que caminha na rectidão, e que fala verdade; o que despreza a vantagem das opres-

sões, o que desvia as suas mãos de qualquer suborno, o que tapa os seus ouvidos para não ouvir coisas más, e ainda o que fecha os seus olhos para não ver a maldade; este habitará nas alturas: o seu lugar de defesa serão as muralhas das rochas... Os teus olhos verão o Rei na sua beleza: contemplarão a terra que está muito distante».

No dia da coroação de Jesus não se encontrará ninguém manchado ou conspurcado. Mas aqueles que tiverem sido fiéis, o Senhor

dará as preciosas coroas de glória imortal.

Aqueles que não quiseram que Jesus reinasse sobre eles, ver-se-ão circundados pelo exército dos remidos, ostentando cada um deles o sinal «O SENHOR A NOSSA JUSTIÇA».

Verão aquela divina cabeça, que nesta terra foi coroada de espinhos, estar então coroada com um diadema de indizível glória.

Naquele dia os remidos brilharão fortemente na glória do Pai e do Seu Filho. Os anjos do céu, tocando as suas harpas de ouro,

saudarão o Rei e aqueles que tiverem sido os trofeus da Sua glória — que são os que tiverem lavado e branqueado as suas vestes no sangue do Cordeiro. Um grito de triunfo reboará largamente, enchendo todo o céu. Jesus triunfou. Entra, solenemente, com o esplendor que jamais se poderia igualar, nas cortes celestiais acompanhado dos seus remidos, as testemunhas de que a Sua missão de sofrimento e de que o sacrifício de Si mesmo não foram em vão. — *Review and Herald*, 24 de Novembro de 1904.

(Leitura para Domingo, 17 de Novembro de 1957)

## UM APELO À ORAÇÃO

Estamos na nossa anual Semana de Oração.

Que entendemos, porém, por SEMANA DA ORAÇÃO?

É evidente que temos as nossas leituras especiais, que têm, precisamente, o objectivo de salientar as nossas várias necessidades espirituais. E ouvindo acerca do progresso da Obra de Deus através do Mundo, também nos sentimos alegres. Como consequência de tudo isto não nos deveremos esquecer de preparar a nossa oferta especial. Tudo isto é muito bom. Pergunto, porém, se estas coisas, todas elas boas em si mesmas, é que constituem uma Semana de Oração?

Esta semana de devoção tem a sua origem nos primeiros dias da nossa história denominacional, quando os nossos dirigentes, ao sentirem a sua fraqueza perante a tarefa e as necessidades espirituais de um desenvolvimento rápido da obra, lançaram, então, um apelo urgente para uma semana especial de intercessão. Mais tarde, prepararam-se e imprimiram-se mensagens especiais, que foram enviadas para as várias congregações organizadas. Estas mensagens, contudo, eram preliminares. Era para ser uma semana de oração, e não uma

por R. ALLAN ANDERSON

semana de reuniões. Bênçãos maravilhosas desceram, então sobre aqueles primeiros crentes quando entraram naquela reunião de intercessão.

Foi há setenta e dois anos atrás, e desde então, temos tido, todos os anos uma semana especial de oração. Mas, representa, porém, esta semana, tanto como representou para os nossos primeiros irmãos, ou tornou-se, apenas, numa simples tradição? Uma forma de piedade sem poder espiritual é, precisamente, um dos sinais dos últimos dias. O conhecimento que poderemos ter das profecias não é bastante para nos tornar imunes contra qualquer doença espiritual. O conselho que o Senhor nos dá a este respeito é bem claro:

«Como os discípulos, também nós estamos em perigo de perder de vista a nossa dependência de Deus, e de procurarmos fazer um salvador da nossa actividade. Necessitamos de olhar, constantemente, para Jesus, verificando que é o Seu poder que efectua o trabalho. Mas enquanto estivermos trabalhando, activamente, para a salva-

ção dos que estão perdidos, também devemos dedicar o tempo necessário à meditação, à oração e ao estudo da Palavra de Deus. Somente o trabalho realizado com muita oração e santificado pelos merecimentos de Jesus, poderá demonstrar no fim que foi eficiente para o bem.» — (O Desejado de todas as Nações). (O sublinhado é nosso).

### Motivo do declínio espiritual

A falta de oração é a primeira causa de fraqueza espiritual.

Mas qual é a causa da falta de oração?

Jesus disse: «O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca». A falta de oração é uma atitude que se ajusta bem à nossa natureza.

A «carne» ou a «natureza carnal» é o resultado da queda. Adão, antes de haver pecado, gozava da amizade de Deus e da sua presença. Imediatamente, após o pecado, caiu numa aversão profunda contra a presença de Deus. Efectivamente fugiu para longe de Deus; tal é a característica da nossa natureza não regenerada. Até conhecermos a alegria da li-

bertação do homem natural, pelo poder do Espírito da graça, todos nós vivemos sob o domínio do poder da carne. Por isso nos adverte o Senhor, quando nos diz: «Vigiai e orai para não entrardes em tentação» (Mat. 26:41). A tentação efectivamente surge-nos de muitas maneiras: — vem para a mente, para o corpo e para o espírito. É um inimigo incansável e que nunca dorme.

Esta semana dá-nos a oportunidade especial de entrarmos no verdadeiro espírito de oração, não apenas de uma oração no início da reunião, nem no encerramento da mesma, mas de uma oração contínua que domine todas as reuniões, toda a semana. E também durante esta semana devemos dedicar-nos mais à oração individual. Poderíamos reunir-nos em pequenos grupos para orar, efectuando reuniões de oração, de manhã, antes de nos entregarmos às pesadas tarefas do nosso dia de trabalho; à tarde poderíamos realizar, também, reuniões para as mães e para todos aqueles que não podem assistir à reunião de oração, na igreja; também seria louvável efectuar reuniões especiais para as crianças e para os jovens — eis tantos outros meios pelos quais a semana de oração se pode tornar bem eficiente.

#### *A Camaradagem na reunião de oração*

Se durante esta semana cultivarmos uma verdadeira camaradagem, na oração, teremos dado um grande passo para o futuro. Mas não poderemos viver uma vida frutuosa de oração, por procuração. «Toda a verdade a que prevalece, é bem pessoal, íntima e original.»

Os grandes santos de todas as idades, homens que foram empregados pelo poder de Deus, fizeram da oração a ocupação aborrevante das suas vidas. O Livro dos Actos é um livro de oração. Os Apóstolos começavam o trabalho na oração e todo o avanço que faziam na Obra de Deus era devido à direcção divina que recebiam me-

dante a oração. Cheios de Espírito, aqueles heróis da oração traçaram o seu caminho através do mundo pagão, abalando um império nos seus fundamentos.

Para os apóstolos a oração não era um amontoado de palavras perante uma discussão de planos humanos; era o mais sério negócio dos seus mais sérios anos; era o seu mais importante trabalho. Deram sempre mais importância à oração do que a qualquer outra coisa. A possibilidade de os negócios da igreja poderem ocupar-lhes o tempo e tirar-lhes a oportunidade de se dedicarem à oração, foi sempre causa de graves preocupações. Quando as necessidades da igreja crescente reclamaram maior assistência, aqueles pastores nomeados pelo céu entregaram os cuidados materiais a pessoas experimentadas, reservando para si próprios o precioso encargo de orarem continuamente e de ministrarem a Palavra. A oração era o principal! Entregaram-se a esta tarefa primordial e continuamente. A oração é ainda a arma mais forte no arsenal da igreja. A obra de Deus avança vitoriosamente, quando a impotência humana está ligada à onipotência divina. Sabendo nós isto, é pena que sejamos tão negligentes na oração! Orar, como Deus quer que oremos é a maior obra na Terra. Não procuraremos, portanto, nesta semana, aprender a orar, como Deus quer?

Aqueles gigantes espirituais que abalaram o reino da escuridão não gastaram o tempo discutindo acerca da oração; *oravam fervorosamente!*

Sentindo-se unidos a Deus, descobriram que Deus contava com eles e que era através deles que a Sua Obra avançava. O Senhor sente-se honrado, quando nós, como Seus filhos nos dirigimos confiadamente ao Seu trono de graça e apresentamos as nossas petições em Seu nome, porque é n'Ele que temos todo o nosso conforto e confiança e não há nada que d'Ele nos possa apartar senão o pecado. Pela graça somos membros do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos. A nossa união com Ele é forte, porque assenta no Seu amor por nós. Mas

também muitas vezes a nossa *comunhão* com Ele é fraca, porque reflecte o *nosso* amor por Ele. Se a importância da nossa comunhão com Ele se mede pelo pouco tempo que tantos irmãos dedicam à oração, será para admirar que a igreja seja tão fraca?

Quando Paulo escreveu aos crentes de Roma, disse: «E rogai-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que combatais *comigo* nas vossas orações *por mim* a Deus.» (Romanos 15:30).

Este grande dirigente bem sabia que o êxito evangelístico só se pode obter através da oração contínua.

Quando uma igreja sabe combater na oração *com* o pregador e pelo pregador para ganharem almas para Jesus, não há dúvida que aprendeu o maior segredo do êxito. A proeminência do apóstolo Paulo entre os dirigentes, assim como a sua proeminência nos resultados evangelísticos podem muito bem atribuir-se ao facto de ter podido contar muitas mais orações a seu favor do que qualquer outro. «Combatei *comigo* nas vossas orações»; «entregai-vos ao jejum e à oração» — são advertências que encontramos nas suas epístolas.

#### *A oração é mais importante que a organização*

É muito mais fácil efectuarmos serviço, dar tempo, ou contribuirmos para as colectas, do que darmos-nos a nós mesmos para orar.

Se durante esta semana pudermos aprender verdadeiramente o que a oração de facto significa para a igreja de Deus, talvez possamos afirmar que será esta a maior semana na história do Movimento Adventista.

No capítulo 17 do Êxodo recorda-se uma história admirável. Foi o primeiro recontro de Israel depois do Êxodo. Os Amalecitas estavam preparados para resistir fortemente aos Israelitas. O general Josué era então o comandante das hostes de Israel; quando os exércitos se encontraram em Refidim a situação parecia desesper-

rada. Moisés, porém, subiu ao monte para orar. Era uma batalha bem estranha. Uma vez a vitória inclinava-se para Israel, outras vezes prevalecia Amalec. Por que se dava tal flutuação? Qual seria a razão desta oscilação da vitória? Os soldados sentiam-se perturbados. Mas finalmente, apareceu claramente que «o resultado da batalha não estava com os que combatiam na planície, mas com os intercessores no cume do outeiro.»

«E acontecia que, quando Moisés levantava a sua mão, Israel prevalecia; mas quando ele abaixava a sua mão, Amalec prevalecia.»

Portanto a batalha não estava a ser dirigida pela estratégia militar, mas pela mão sem armas bélicas da criação. Como são verdadeiras as seguintes palavras de Samuel Chadwick:

«A oração é mais importante que a organização, mais poderosa que as armas, de maior influência que a saúde, e mais poderosa que todos os ensinamentos. A verdadeira oração torna o homem invencível. Os que prevalecem no lugar secreto da oração não podem ser batidos em parte nenhuma. Todas as coisas são possíveis para a oração. — *A Vereda da Oração.*»

Jesus gastou longas horas, e algumas vezes noites inteiras, em oração. Em certa ocasião levou consigo Pedro, Tiago e João; e a narrativa evangélica diz que se transfigurou diante deles. Viram a glória de Deus, e embora se sentissem assombrados, todavia Pedro desejou permanecer naquele lugar. Havia, porém, muitas necessidades a defrontar na planície. Jesus levou-os ao cimo da montanha, não para os deixar ali, mas para terem uma nova visão e regressarem, depois, ao serviço. É assim, também, a nossa necessidade. Esforcemo-nos, também, nós, durante esta semana de devoção, por termos uma nova visão de Jesus. Tendo, então, um novo contacto com o divino Mestre, sentir-nos-emos mais fortes quando descermos ao vale para nos encontrarmos com a triste realidade do mundo perturbado pelo Demónio. Com os corações

que nos cercam prestes a desmaia-rem de terror, a nossa geração necessita daquilo que os apóstolos deram à geração do seu tempo. Mas o poder que aqueles dirigentes possuíam só lhes foi concedido, depois de haverem crucificado o seu egoísmo e a sua ambição. É necessário que a velha natureza morra para que possa nascer em poder espiritual.

«Os que não têm vontade de se negarem a si mesmos, nem de agonizar perante Deus, nem de orar contínua e fervorosamente suplicando as Suas bênçãos, nunca as obterão. Contendendo com Deus—quão poucos sabem o que isto significa! Quão poucos têm porfiado com toda a decisão até conseguirem ser revestidos do poder». (Conflito dos Séculos).

Foi a oração perseverante que preparou os apóstolos para o derramamento do Espírito Santo. Foi assim que se sentiram fortes, embora carregados com o fardo de salvarem as almas, repletos de zelo para estenderem os triunfos da cruz. E foi pelos seus esforços que muitas almas foram transportadas das trevas para a luz, e muitas igrejas se ergueram.

Seremos nós menos diligentes que os apóstolos?... Não está, porventura, o Espírito de Deus para vir, hoje, em resposta à oração fervorosa e perseverante, e pronto a revestir os homens de poder? O que o Senhor fez pelo Seu povo, naquele tempo, é precisamente, o mesmo, e ainda mais, que faz, hoje, pelo Seu povo. *Tudo quanto os apóstolos fizeram, então, cada membro da igreja pode hoje fazer...* Não poderá o poder de Deus ser hoje revelado mais poderosamente do que no tempo dos apóstolos? — *Testemunhos*, vol. 7.

Entremos, pois, no espírito de oração com as melhores disposições de todos os tempos, que até hoje temos tido. «Foi do lugar secreto da oração que veio o poder que abalou o mundo por ocasião da Reforma» (Conflito dos Séculos). E será, também, deste

mesmo lugar de oração que virá o poder para a conclusão da obra de Deus na terra. Não nos esforcemos, portanto, para transformarmos esta semana numa *semana de verdadeira oração?*

A comunhão com Deus enriquece a alma e transforma o carácter. Quando Moisés desceu do monte o seu rosto resplandecia, embora «ele não soubesse que a pele do seu rosto resplandecia.» Aqui temos um exemplo de uma humildade inconsciente e radiosa.

«O espírito de graça e de súplica» apoderou-se dos santos daquelas eras e tornou-os poderosos dirigentes. As suas demonstrações de fé ainda hoje nos surpreendem. Tomemos, por exemplo, Elias. Desafiou reis, deteve a chuva e teve nas suas mãos o destino de uma nação e a causa de Deus. Pouco sabemos acerca da sua preparação, da sua educação. Mas o Novo Testamento revela-nos o segredo da sua acção: era um homem de oração. Era «um homem sujeito às mesmas paixões que nós estamos», mas com tudo isto, tinha ele a paixão da oração. Havia paixão em tudo quanto fazia; estava abrasado do amor de Deus. A sua religião tinha qualquer coisa de sobrenatural neste aspecto, e era, precisamente, isto que o tornava irresistível. Lemos na Sagrada Escritura que «ele orou» (Tiago 5:17) e sabemos que foi uma oração fervorosa, pois na margem do comentário lê-se: «ele orou na sua oração». Não se trata, apenas, de orar. Não passou o tempo a discutir os problemas da oração; orou! Orando sempre, resolvem-se os problemas da oração.

#### *Oração contínua, intercessora*

«A oração feita por um justo, pode muito em seus efeitos». (Tiago, 5:16).

A oração eficiente, cheia de energia é a que realiza coisas para Deus. Jorge Muller, de Bristol conheceu o segredo desta espécie de oração intercessora. Sem o auxílio de nenhuma igreja organizada, estabeleceu os seus orfanatos, socorrendo milhares de crian-

ças. E foi mediante a oração que ele conseguiu tudo isto. Mais de cinco milhões de dólares entraram nas suas mãos como resposta às suas fervorosas orações. Viveu a sua vida numa atmosfera de oração. Não só alimentou e vestiu aquelas multidões de necessitados, mas, conforme ele próprio disse, o Senhor dera-lhe trinta mil almas como respostas directas às suas orações.

Por muitas destas almas orou ele durante mais de quinze anos! Alguém lhe perguntou sobre que bases assentava ele tão firmemente a crença de que Deus ouviria as suas orações. A resposta é bem o índice da sua vida: «Há cinco condições que eu sempre procuro preencher, cuja observância me garantem que obterei resposta à minha oração:

«1. — O Senhor quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade». (I Tim. 2:4).

«2. — Eu nunca pedi pela salvação de ninguém em meu próprio nome, mas no nome sagrado do meu precioso Senhor Jesus e dos seus divinos méritos. (João 14:14).

«3. — Acreditei, sempre, firmemente, na vontade que Deus tem de ouvir a minha oração. (Marcos 11:24).

«4. — Não tenho a consciência de ter sido indulgente para com o pecado, porque se eu atender à iniquidade no meu coração, o Se-

nhor não me ouvirá» (Salmo 66:18).

«5. — Tenho perseverado com confiança na oração durante mais de 52 anos por várias pessoas, e continuarei até que chegue a resposta. «E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite?» (Lucas 18:7).

Estes cinco pontos podem muito bem servir de padrão às nossas orações, durante esta semana. Convém recordar que não é, precisamente, o que nós somos, quando oramos, mas o que nós somos, quando não oramos, que consegue a resposta. Não há nada que torne mais vazia a nossa oração, do que uma vida inconstante.

Mas a obediência em si mesma, ainda não merece resposta; mas já revela a nossa disposição para recebermos a resposta de Deus. Finalmente, devemos recordar que o caminho para a presença de Deus não é uma via pública; é um lugar santo, santificado pela presença do Espírito Santo, que como Representante de Deus na terra «examina os corações», e «intercede pelos santos, segundo a vontade de Deus» (Romanos 8:27).

Somos advertidos a andar, santamente, na presença de Deus, porque não temos, apenas um In-tercessor na terra, o Espírito Santo, que nos ajuda a orar como devemos, mas temos, também, um In-tercessor junto do trono de graça,

nosso Senhor Jesus Cristo, e é no seu nome imaculado que as nossas petições são aceites.

Nem se julgue que a maior parte da oração se limita a pedir; resta, ainda, a companhia, a amizade. É doce, de certo, a comunhão com os que amamos; por isso se verdadeiramente amamos a Deus, gozaremos da Sua companhia.

Um pequenito entrou no escritório do pai e calmamente subiu para cima da secretária. «Que queres tu, querido? — perguntou o pai.

«Nada, paizinho; vim só para estar contigo».

Podem alguma coisa deleitar mais o coração de um pai? Também o nosso Pai celestial se sente honrado quando nós, com a simplicidade de crianças procuramos gozar da Sua companhia, na oração. Sabendo que Ele nos receberá sempre devemos sempre procurá-lo confiadamente.

«Quando o mais pobre da família humana vai com arrependimento para seu Pai... há grande alegria entre as hostes celestiais. Há calor, cortezia e amor no céu.» — *Testemunhos para os Ministros*, p. 153.

É do calor e do amor do céu que nós muito necessitamos.

Que assim nós possamos entrar, nesta semana de oração, numa amorosa camaradagem de oração, como preparação para a efusão da última chuva.

(Leitura para Segunda-feira, 18 de Novembro de 1957)

## A INTENDÊNCIA ENTRE O REMANESCENTE

por A. F. TARR

Havia grande concurso de povo dos reinos de Judá e de Israel, que se amontoava nas portas de Samaria, naquele memorável dia, há uns três mil anos. Num trono diante da multidão sentava-se Josafat, rei de Judá, que ali estava de visita, um homem de coragem e de valor que durante anos tinha re-

forçado os seus exércitos e fortificado as suas cidades com as bênçãos de Deus. Num trono a seu lado sentava-se o seu hospedeiro real, o rei Acab de Israel, cujas acções vergonhosas e de violência raramente foram igualadas na história sagrada.

Seguindo os ditames do seu mau coração, o Rei Acab viu nesta ostentação combinada de poder uma oportunidade para dilatar o reino. Por isso propôs ao rei Josafat uma campanha combinada para recuperar Ramot de Gilead, uma das cidades que ele perdera e que estava então nas mãos dos seus inimigos Sírios. Num momento



de fraqueza, Josafat deu a sua palavra; reconsiderando, porém, quis saber qual era o plano de Deus a respeito de tal campanha.

Foram inquiridos 400 falsos profetas do reino apóstata de Israel, a quem o rei Acab perguntou: «Irei à peleja contra Ramot de Gilead, ou deixarei de ir?» Todos unânimemente responderam: «Sobe porque o Senhor a entregará na mão do rei».

Não ficando completamente satisfeito, Josafat desejou outra consulta e perguntou: «Não há aqui ainda algum profeta do Senhor, ao qual possamos consultar?»

Descobriu-se, ainda, um outro profeta que foi conduzido à presença dos dois reis. «Irei... ou não irei?» — perguntou-lhe o rei, que acrescentou: «conjuró-te que não me fales, senão a verdade em nome do Senhor».

Duas expressões da resposta inspirada do profeta são, ainda, hoje, profundamente significativas, tal como o foram há cerca de três mil anos: «Vi—disse o profeta—todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas, que não têm pastor»; e voltou a falar acrescentando: «Vi ao Senhor, assentando sobre o seu trono, e todo o exército do céu estava junto d'Ele à sua mão direita e à sua esquerda.»

Nenhuma descrição mais viva e sóbria podia ter sido apresentada aos chefes de Judá e de Israel naquela ocasião tão séria. Nem se encontrará uma descrição tão saliente para a situação dos nossos dias e para a tarefa inacabada da Igreja presente do que a que foi dada por Deus ao Seu profeta daqueles tempos. De um lado, um povo tresmalhado, como ovelhas sem pastor; do outro lado, Deus eterno e onnipotente sentado no Seu trono circundado da inumerável hoste celestial. Que contraste tão pungente, tão trágico! Um mundo numa situação de necessidade desesperada e Deus onnipotente esperando, de boa vontade, ocorrer a tal necessidade! Esperando por mãos e corações ardentes para se dedicarem ao serviço de virem a ser para a pobre humanidade verdadeiros canais de salvação, ou como o apóstolo Pe-

dro os designa tão elegantemente: «Dispenseiros da multiforme graça de Deus.»

Tal serviço constitui a necessidade mais urgente para o mundo de hoje, e é para esta acção de dispenseiro ou de intendência que Deus está chamando a Sua igreja remanescente, com toda a urgência que os tempos da última hora exigem.

Deus chama cada dispenseiro individual a uma compreensão compassiva acerca dos homens e mulheres que o cercam. «Vi... a todo o Israel» disse o profeta.

Isto significa alguma coisa de muito mais íntimo do que a mera contemplação dos campos a branquejar. Significa que se vêem os indivíduos, singularmente, os nossos vizinhos e amigos, porventura até os membros da nossa própria família. Significa que se vêem «dispersos pelos montes» assaltados pela tentação, atormentados por dúvidas e temores, procurando um refúgio contra o perigo e a paz no meio do mundo perturbado. É uma coisa para associar com as congregações, no culto, — talvez durante uma colecta, ou numa igreja, num Sábado de manhã. É uma coisa muito diferente conhecer estas mesmas pessoas, nas suas casas, preocupadas e atormentadas com os seus múltiplos problemas, com as suas dificuldades familiares, com as suas necessidades físicas, com as suas perplexidades económicas e com as suas tentativas, os seus esforços para triunfarem sobre as tentações, por vezes subtis, insidiosas e violentas.

Foi quando Moisés viu o seu povo em condições como estas que apreciou a sua própria salvação como nada, para que pudessem ser socorridos. O apóstolo Paulo movido pela mesma profunda simpatia chegou a desejar ser anátema de Deus para que o seu amado povo pudesse ser salvo. Foi assim mesmo que o nosso Salvador se mostrou cheio de amor e de compaixão quando viu o estado desesperado em que encontrava a humanidade perdida, pelo que decidiu deixar as cortes celestiais para se tornar o primogénito entre os Irmãos um Dispenseiro eterno para a raça humana.

Quando um discípulo de Jesus vê esta mesma condição, no mundo de hoje, deve alhear-se de si mesmo, dos seus confortos materiais e bem-estar, para considerar como suprema delícia, o servir as necessidades dos irmãos.

Foi no encerramento de uma das nossas grandes sessões da Conferência Geral, que a esposa de um pastor de igreja disse, calorosamente ao esposo: «Marido! Vamos depressa para casa. Temos uma igreja para preparar para o céu!»

Estas palavras respiravam uma verdadeira compreensão da função de dispenseiro, ou intendência, que afastará de si mesmo a atenção, mesmo até da alegria da salvação pessoal, para aqueles que se encontram em tal estado de necessidade desesperada de ajuda, que Deus colocou dentro do nosso poder de socorrer.

É uma honra muito apreciada, estar ao serviço dos poderosos desta terra. Quanto mais poderosos for a personagem, que se serve, mais respeitáveis são os seus intendentes e maior a sua responsabilidade. Pois Aquele, em cujo serviço espiritual estamos alistados é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. Tem à sua disposição todos os recursos e tesouros do universo; por isso, ser-se seu dispenseiro ou intendente é a maior honra que qualquer mortal pode receber. Mas, conjuntamente, com estas honras, também surgem as maiores de todas as responsabilidades. Disse o apóstolo Pedro: «Cada um administre aos outros o dom, como o recebeu». (1 Pedro 4:10). E nas palavras do próprio Salvador temos: «A qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá». (Lucas 12:48).

A incomensurável medida da infinita graça de Deus para conosco deve ser a medida da nossa intendência para com os outros. E, irmãos e irmãs, quem de entre nós, esta noite, poderá dizer que sentiu, alguma vez a mais pequenina limitação nas abundantes dádivas da graça com que o nosso amoroso Deus tem enchido toda a sua vida? Todos temos provas evidentes da bondade ilimitada de Deus para

comosco, em cada dia da nossa existência. Disse o profeta Isaías: «O Senhor me enviou para pregar boas novas aos mansos.» (Is. 61:1). São estas boas novas que iluminaram as nossas almas, assim como a libertação que veio, pessoalmente, para nós, também despertará uma corda sensível na experiência dos outros.

Associada a esta intenção deve encontrar-se, também, uma vigilância constante, «uma vigilância pelas vossas almas, de que não de dar contas» (Hebreus 13:17). Tal vigilância provocará uma fome intensa nos corações dos homens, uma fome mais forte do que a que se tem pelos alimentos físicos. Descobrirá os caminhos e os meios, pelos quais se poderá saciar tal fome, e encontrará, precisamente, a qualidade de refrigério espiritual que satisfará cada necessidade individual. Tal como aqueles homens, de que nos fala o Evangelho, que destelharam o telhado para levarem um seu amigo doente a Jesus, também um intendente de igual recurso e sinceridade tem de defrontar as necessidades de que sofre, hoje, o mundo.

Todo o estandarte da nossa intenção deve ser «uma fervorosa caridade», que, segundo as palavras de Pedro «cobrirá a multidão de pecados» (1 Pedro 4:8). Como um intendente deste género se torna necessário, nas nossas igrejas, neste nosso tempo! Como se dissipariam tantos mal-entendidos que se levantam! Como não seria muito mais brilhante e mais feliz o caminho espiritual de muitos dos nossos membros, se sobre os seus supostos erros ou enganos se lançasse um véu de fervorosa caridade, que, segundo algumas traduções no passo citado de S. Pedro, «cobre a multidão de pecados»!...

E, irmãos e irmãs, podeis pensar nalguma coisa mais elevada para realizar do que esta suprema qualidade de sermos chamados a ser dispenseiros «da multiforme graça de Deus»?

É isto que estabelece a ligação entre Deus e os homens, e entre o

homem e o seu irmão. É isto que prepara os corações dos homens para a vinda do Senhor.

Nós pomos muita ênfase nas nossas mensagens de advertência. Na verdade, temos uma advertência trágica a dar, mas nem os tormentos do inferno podem atemorizar os irmãos para que não sejam bons cristãos. É a graça, a graça de Deus, a multiforme graça de Deus, e só ela que faz com que os homens possam ser salvos. Sem ela estariam eternamente perdidos. «Pela graça sois salvos por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus.»

E é desta graça abundante que Deus nos tornou, tão maravilhosamente, os Seus dispenseiros. Temos nós, realmente, compreendido, perfeitamente, as tremendas possibilidades ligadas a este precioso encargo, que Deus tão graciosamente nos confiou — encargo comprado com o precioso sangue do Seu divino Filho? Sentimos nós toda a responsabilidade de atrair para a maravilhosa luz todos aqueles que ainda se encontram nas trevas? «Os seus discípulos — diz o Espírito de Profecia — não se devem sentir desligados do mundo que perece à sua volta. São uma parte desta grande teia da humanidade, e o céu olha para eles como irmãos, tanto para os pecadores, como para os santos! M. H. 104. Que impulso tão urgente para alargarmos o círculo da nossa maravilhosa amizade adventista!

Não é, portanto, para admirar, que num programa como este, o apóstolo Paulo advertisse: «Não sejam contenciosos, mas modestos, mostrando toda a mansidão para com todos os homens.»

Um exercício frio, formalista da nossa intenção, embora o nosso testemunho seja brilhante, nunca ecoará nos corações; ora Deus deseja os corações. É de coração para coração que a nossa mensagem deve ser dada. Aquele mesmo contacto delicado, amável que caracterizou o ministério do nosso Salvador, também deve caracterizar, hoje, a nossa acção de dispenseiro.

Uma conversão duradoura, quer provenha de grandes reuniões evan-

gêlicas, quer se faça entre as nossas famílias, os nossos vizinhos ou amigos, mediante contactos individuais, só pode ser feita por aquele processo.

Mas não é só no serviço espiritual que se deve exercitar a nossa intenção.

«Sede hospitaleiros uns para com os outros, sem murmurações» (1 Pedro 4:9) — diz-nos o apóstolo Pedro. «Dai, e dar-se-vos-á» é a ordem do nosso Salvador. «É mais abençoado dar, do que receber», adverte Paulo.

A nossa intenção necessita das coisas materiais, de alimentos, de roupas, de dinheiro, da amizade dos nossos lares, para se desempenhar, cabalmente, das obrigações do mandato divino.

Necessita de todo este equipamento, não só para defrontar as necessidades físicas e materiais, que podem ser grandes e urgentes, mas também para ir ao encontro do grande programa espiritual para o qual a igreja tem estendido a sua acção, em todas as épocas. Para se alcançar este objectivo é necessária a consagração de todos os nossos recursos tanto materiais como espirituais.

Nestes últimos dias, impende sobre a igreja remanescente uma tremenda responsabilidade, como nunca, em qualquer outro tempo, teve de defrontar. A nossa missão está compendiada, naquele passo do Evangelho que todos muito bem conhecemos, o do anjo voando «pelo meio do céu tendo o evangelho eterno para o proclamar... a toda a nação, e tribu e língua e povo.» (Apoc. 14:6). E ainda, a do anjo «tendo grande poder» que ilumina a terra com a sua glória. Uma glória como esta, requer um povo, que ponha todos os seus recursos, materiais e espirituais, dedicados ao serviço e ao programa do seu Deus.

Os Adventistas do Sétimo Dia são os únicos que colocaram as mãos neste grandioso programa. De todos os povos da terra, acreditamos que o fim de todas as coisas está às portas. Acreditamos que o mundo com as suas casas, os seus bancos, e com tudo quanto nos circunda será em breve des-

truído. O nosso dinheiro e tudo quanto possuímos será consumido nesta conflagração final. Sabemos, que presentemente, as nossas coisas, os nossos recursos ainda ajudarão, grandemente, a apressar o acabamento da Obra — se forem colocados nas mãos de Deus.

Esperamos nós, porventura, qualquer dia especial para sermos generosos para com Deus? Que acontecimento, ou que sinal esperamos nós? Quem sabe se o nosso gesto, sem reservas, de todo o coração, de nos entregarmos nós mesmos e os nossos bens a Deus, não marcará para Ele, através de uma nossa nova vida mais pura, mais nobre, — o toque final para ultimar a Vinda de Jesus?

O apóstolo Paulo adverte os que possuem bens materiais a «que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro para que possam alcançar a vida eterna.» (I Tim. 6:19).

Que coisa maravilhosa não seria, se durante esta Semana de Oração, cada Adventista do Sétimo-Dia, em todo o mundo, se identificasse com aquele grupo que foi descrito! Na verdade, isto significaria uma maior fidelidade no pagamento dos dízimos, ou uma maior generosidade para as ofertas da Escola Sabatina ou do 13.º Sábado, ou uma ajuda mais liberal aos pobres. Poderia talvez significar um Dom do Fim do Ano maior do que o que temos feito até agora! Mas além de tudo isto, talvez pudesse, também, significar que «entesouremos para nós mesmos um bom fundamento para o futuro.» E quantas coisas boas não poderíamos nós fazer com este «bom fundamento»!

Nunca houve uma idade, em que se peça tanta fé ao dispenseiro cristão, como nos nossos dias.

Que repto mais violento poderia ser proclamado do céu do que declarações como estas: «Todo o céu se move»; «as horas preciosas da provação estão a findar»; «O dia do Senhor virá como um ladrão, de noite»; «Ele terminará o trabalho e rematá-lo-á em justiça»; «O Senhor efectuará um pequeno trabalho na terra»; «Os últimos movimentos serão rápidos»; «Esta-

mos mesmo à beira da eternidade.»

Imagine-se um poderoso monarca deste mundo, cujo reino atravessa um momento difícil; o soberano procura ansiosamente salvar o seu povo, ao passo que o seu governo, o seu primeiro ministro, os seus intendentos contemplam a cena numa suprema indiferença.

Será uma coisa impossível, incrível, direis vós.

Pergunto, agora, se na grande tarefa de finalizar a obra de Deus quer entre nós, na nossa terra, quer nos campos longínquos de outros países, não terá acontecido coisa semelhante com respeito à nossa intendência, porventura, descuidada e abandonada? Quaisquer que tenham sido as faltas cometidas no nosso serviço espiritual até esta altura, ou qualquer que tenha sido o nosso desleixo na administração dos meios que Deus nos concedeu, arrependamo-nos de ter sido negligentes e peçamos, fervorosamente, a Deus que a partir desta semana nos conceda a subida graça de sermos fiéis e zelosos dispenseiros, que sabem confiadamente esperar o regresso do seu Senhor.

Seguramente, nestes dias em que os anjos ainda retêm nas suas mãos os ventos da luta, as palavras inspiradas do apóstolo Paulo deveriam ecoar profundamente em cada coração: «Requere-se nos dispenseiros que cada um se ache fiel.» (I Cor. 4:2).

E agora, convencidos humilde-

mente da nossa responsabilidade como dispenseiros e da grande tarefa que nos incumbe nestes últimos dias, será bom desviarmos, novamente, os nossos olhos para aquela cena de há quase três mil anos, que recordamos no início desta nossa meditação.

Que encanto contemplarmo-nos retratados lado a lado com aquele povo de Deus, daquele Deus «que estava sentado no seu trono, e todo o exército do céu estava junto d'Ele à sua mão direita e à sua esquerda.»

E este o mesmo Deus que prometeu «eis que estou convosco todos os dias até o fim do mundo.»

E também na hoste celestial que circunda o Seu trono podemos distinguir, claramente, aqueles «espíritos ministradores, enviados para servir a favor daqueles que hão-de herdar a salvação» (Heb. 1:14).

Aceitemos, portanto, com plena confiança e alegria as responsabilidades que o Senhor nos confiou como seus dispenseiros, e caminhemos, seguramente, no Seu poder, para amar, para servir e para dar.

Resolvamo-nos a ser tão diligentes em toda a nossa intendência, que, depois de havermos findado o nosso trabalho, quando Jesus vier nas nuvens do céu, possamos ouvir dos Seus graciosos lábios: «Bem está, servo bom e fiel, entra no gozo do teu Senhor.» (Mat. 25:21).

(Leitura para Terça-feira, 19 de Novembro de 1957)

## A vitória através de Jesus

por E. E. CLEVELAND

É possível a perfeição na carne humana? A ordem que se lê na Sagrada Escritura «Sede vós, portanto, perfeitos» será, apenas, uma formalidade? Espera, porventura, Deus muita coisa do homem, ou também espera o homem muito pouco de si mesmo? Haverá alguma ponte que preencha o abismo do pecado que separa o homem do Seu Criador? Se tivermos de confessar que o homem não pode su-

periorizar-se, não será o mesmo que dizer que ficam abalados os verdadeiros alicerces do Cristianismo?

Diga-se desde já que a vitória sobre o pecado está ao alcance de todos, aqui, nesta terra, agora. «Toda a graça de Deus se há manifestado trazendo salvação a to-

dos os homens. Ensinando-nos que renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século, sóbria, justa e piamente.» (Tito 2:11, 12).

Ouvindo isto, talvez cada um de nós esteja dizendo: «Eu não sou perfeito, nem tenho a certeza de que alguém o seja.» Lembremo-nos de que agora nos vemos a nós mesmos e aos outros «através de um espelho, em enigma» (I Cor. 13:12). Com o auxílio do Espírito Santo examinemos este assunto, através dos olhos da Divindade, porque «O homem não vê como Deus.»

É evidente que todos admitimos, todos têm de admitir que não há perfeição na natureza humana.

«Porque sei que em mim (isto é, na minha carne), não habita bem algum.» (Rom. 7:18). «Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas e perverso: quem o conhecerá?» (Jeremias 17:9).

Portanto, o primeiro problema do homem consiste em triunfar sobre a sua própria natureza vil e unir-se a Deus. O único caminho para se conseguir a união com Deus consiste na total desconfiância de tudo que é humano e na absoluta dependência do céu. É neste sentido que a complacência do Espírito Santo preenche a fraqueza da carne. É o grau da vontade de cada um que determina o estado da sua saúde espiritual. «A tua fé te salvou» é uma lei tão fundamental como a que dirige os planetas nas suas várias órbitas.

O nosso mundo perdeu a confiança no princípio cristão da santidade na carne humana. Perdeu assim uma das mais importantes lições da encarnação, nomeadamente, que Jesus pode fazer na nossa carne, o que Ele próprio fez na Sua mesma carne.

«Jesus Cristo em vós mesmos» é a aspiração do Cristão para a justiça e rectidão.

A formação de um homem justo é trabalho só de Deus. «E Deus é poderoso para fazer abundar em vós toda a graça, a fim de que, tendo sempre em tudo, toda a suficiência, abundeis em toda a boa obra.» (II Cor. 9:8). É um acto de graça sem nenhuma mistura

com qualquer esforço humano, que dá a vitória sobre o pecado. Se o homem puder possuir a benevolência divina, poderá, então, ser possuído por Deus. A vida dirigida por Deus é a vida vitoriosa. «Já estou crucificado com Cristo; e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim.» (Gál. 2:20).

No plano da salvação, dispõe o homem de um notável privilégio, que é o exercício de uma vontade livre, o poder de escolha.

«Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para Lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedecéis?» (Rom. 6:16).

Desde que o homem faça a sua decisão a favor de Jesus, é o mesmo que se colocar nas mãos de Deus, sob o controle do céu. E é assim que Deus trabalha no homem, que Lhe agrada.

«Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efectuar, segundo a sua boa vontade.» (Filip. 2:13).

Desde o momento da escolha, cada acto humano é efectuado por Deus no homem. A primeira aproximação vivida do pecador até junto de Deus é inspirada por Deus: «Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, o não trazer» (João 6:44).

Fé, arrependimento, confissão e conversão são inspirados no homem, pela graça de Deus. Salva assim do poder do pecado, a alma contrita submete-se voluntariamente aos requisitos do seu Criador. Tem a alegria dos pecados perdoados, e a paz de Deus está no seu coração. Jesus é, então, a sua suficiência, o seu substituto, a sua justiça. A sua primeira preocupação é a de agradar ao seu Criador. Isto realiza-se mediante a obediência à vontade de Deus.

O princípio da obediência é, em substância, o divino corte da maldade do homem. A natureza desta maldade está claramente definida em I João 3:4 «Qualquer que comete pecado, também comete iniquidade.» Com os seus passos e no sangue de Jesus apagam-se as

transgressões. Compreende-se, pois, que não há conflito entre a lei divina e a graça salvadora, porque uma torna possível a aliança com a outra. A graça de Deus refreia no homem as suas tendências extraviadas; por isso a obediência à lei de Deus é a natural consequência desta acção. «Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?» (Rom. 6:2).

Na verdade, a obediência é a prova da disciplina. «Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando.» (João 15:14).

Quando o cristão se abstém da idolatria, do mundanismo, de transgredir o Sábado, de não honrar os pais, do assassinio, do adultério, do roubo, da mentira e da cobiça, é uma demonstração viva do que o poder divino pode realizar na carne humana. Procurando os que se afastaram, visitando os doentes, auxiliando os necessitados, pagando os dívidos — tudo isto são alegres expressões de um coração salvo pela graça de Deus. A obediência brota do amor, não do medo. A observância da lei não é, então, um instrumento da salvação do homem; é a prova. A justiça da lei deve ser cumprida no homem (Rom. 8:4). Basta Jesus para todas estas coisas. Com o Seu infinito sacrifício mereceu por todos nós. Quando nós livremente O aceitamos como nosso Salvador, a Sua justiça torna-se nossa. Podemos dizer com o apóstolo Paulo: «Posso todas as coisas naquele que me fortalece.» (Filip. 4:13).

Mas diga-se, desde já, também, que o homem não perdeu a capacidade para pecar com o novo nascimento. Milhões de Cristãos têm sido embalados no sentimento de uma falsa segurança e, assim, têm fracassado, neste ponto tão importante.

Que a vitória se pode obter nesta vida, deve entender-se no sentido de que Jesus afastou para sempre a necessidade de pecar, mas não removeu do homem a sua capacidade de cair. «Antes subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão» (I Cor. 9:27). O controle de Jesus da natureza humana representa uma vida vitoriosa na sua essência. Jesus não prometeu

tirar o espinho da carne. Efectivamente, a Sagrada Escritura indica que seremos sobrecarregados com a natureza humana pecaminosa, enquanto vivermos nesta terra de pecado. «Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós.» (I João 1:8). É assim que o homem se defronta com o seu maior problema.

Noz. Cristão a carne está sob o controle do Divino. Tal controle mantém-se enquanto o individuo assim o deseja. É assim que o homem glorifica Deus no corpo (I Cor. 6:20) e apresenta o seu corpo como um sacrificio vivo. Qualquer pregação de salvação que não regule os hábitos corporais, nem controle as inclinações naturais, é pura decepção. Um carácter modificado produz sempre uma reforma. Considera-se muitas vezes o cristão como um ser que se conforma aos requisitos da lei, e como um escravo de um ritual sem fim. O mundo não é capaz de compreender que para o salvo, a obediência jorra, tal como um geysir de uma fonte de amor. Deus manda que os Seus filhos possam compreender; dá-lhes poder para que possam obedecer.

A manutenção da vitória assim obtida reclama, agora, a nossa atenção. Jesus disse: «Vigiai e orai para que não entreis em tentação.» Já vimos atrás a fraqueza da carne. A vigilância e a oração são as armas da vitória de uma vida cristã. Estar alerta com respeito à própria fraqueza de cada um, é estar vigilante. Cuidar dos interesses dos seus companheiros, evitar o mal, aproveitar as oportunidades para o serviço — tudo isto também implica estar vigilante.

Como poder de oração bastará a seguinte illustração: «Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós, e, orando, pediu que não chovesse, e, por três anos e seis meses, não choveu sobre a terra.» (Tiago 5:17). Se a oração pode assim alterar o curso da natureza, é, igualmente, eficiente para controlar a natureza humana. A oração feita antes e na hora da tentação é a imunidade cristã contra a infecção do pecado.

Tem-se dito muitas vezes que é impossível viver sem pecar, num dia, numa semana, ou num ano. Será assim? Temos nada menos de duas respostas.

1.<sup>a</sup> — Possibilidade de Deus para proteger os Seus filhos.

2.<sup>o</sup> — Boa vontade do homem para ser defendido.

Quanto à possibilidade e desejo de Deus para conservar o homem num estado de justiça perpétua, não pode haver qualquer dúvida. «Ora, Aquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis com alegria, perante a sua glória...» (Judas 24).

«Portanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.» (Heb. 7:25) «E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espirito, e alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.» (I Tess. 5:23).

O poder defensivo de Deus é adequado e constante. A fonte da graça também é inesgotável. «O meu Deus, segundo as suas riquezas suprirá todas as vossas necessidades, em glória, por Cristo Jesus.» (Filip. 4:19).

A segunda consideração que diz respeito à duração da vitória espiritual é a vontade do homem para se submeter ao apoio divino.

É uma equação bem clara que a força da fé de cada um determina o alcance da vitória: Uma convicção superficial leva rapidamente a faltar ao que se promete. A profundidade da nossa confiança no apoio de Deus é a medida da nossa boa vontade para O seguirmos. A confiança no poder de Deus para destruir qualquer hábito mau, comunica a sua própria virtude curativa a tal fraqueza. Por isso, devemos agarrar-nos à graça salvadora de Deus com força cada vez maior. A fé exercitada confere poder espiritual, que manifestado na vida, alcançará a vitória. A perfeição do carácter não se obtém súbitamente; é trabalho de

toda a vida. Mas isto não quer dizer que se deva esperar até ao momento da morte para então pôr de parte os vícios. Significa, sim, que se não confessarmos, diariamente os nossos pecados, se não nos arrependermos, se não os rejudicarmos, se não nos afastarmos deles, chegaremos ao fim da nossa vida completamente derrotados.

A declaração do apóstolo Paulo de que estava morrendo cada dia indica um sacrificio diário de quem se sente pecador, mas que se agarra firmemente à mão poderosa de Deus.

É, assim, possível à fraqueza do homem seguir no caminho da vida cristã sem succumbir à tentação. A fé educa, diariamente, os seus alunos; não há férias, nem exames, nem graus académicos, pois é necessário estudar e trabalhar todos os dias na escola da fé. O homem ou avança sempre ou morre. A rapidez da saúde espiritual é determinada pelo grau da fé do homem no poder salvador de Deus. Só há uma resposta a esta pergunta: Quanto tempo é necessário para se ficar curado para sempre de qualquer doença espiritual?

A única resposta é a seguinte: «Seja-vos feito segundo a vossa fé.» (Mat. 9:29) Entenda-se, contudo, que cada *amanhã* é uma prova da decisão de *hoje*.

Por isso, deve renovar-se todos os dias a garantia do seguro espiritual. Não pode haver licenças nesta guerra. Exemplifiquemos. O termostato regula a produção de calor dum caldeira. Se este instrumento se regulou para 90°, o calor da caldeira deve subir para 90°. O calor não sobe de repente até àquele número. O aquecimento é progressivo, mas contudo é seguro. É, precisamente, assim, o que se passa na vida do crente. A santificação também é progressiva. Aprendemos a andar com Deus, primeiramente, como crianças; depois pomos de parte as coisas infantis, à medida, que vamos crescendo na graça, até atingirmos a estatura completa de varão perfeito em Jesus Cristo.

Se durante o crescimento alguém cair, não deve desanimar. O

grito de Miqueias servirá para o estimular: «Ó inimiga minha, não te alegres a meu respeito; ainda que eu tenho caído, levantar-me-ei: se morar nas trevas, o Senhor será a minha luz.» (Miqueias 7:8). «Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.» (I João, 2:1). Como é encorajador o sabermos que por cima da cabeça do pecador arrependido, os céus não são surdos. A oração da contrição é ouvida no céu. A vida cristã é uma vida de arrependimento. A escrita deve estar, sempre, em dia porque não sabemos quando será a hora do ajuste de contas.

Jesus tomou sobre Si os nossos

pecados — «O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos». (Isaías 53:6). Como nosso substituto, o Senhor Jesus pelos Seus próprios merecimentos, pode declarar o homem justo, ao mesmo tempo que o homem executa a salvação da sua alma com temor e tremor. Tudo isto se tornou possível pelo supremo sacrifício do nosso Salvador.

«Jesus deu-se a Si mesmo, em sacrifício de expiação, para salvar o mundo perdido. Foi tratado, como nós merecemos, para que pudéssemos ser tratados como Ele merece. Foi condenado pelos nossos pecados, de que não participou, para que pudéssemos ser justificados pela Sua justiça, na qual não participámos: Sofreu Ele a

morte, que era nossa, para que pudéssemos receber a vida que era d'Ele.» *Testemunhos*, Vol. 8, p. 208, 209.

Jesus conta com a fé do homem nos Seus divinos merecimentos para o justificar e declará-lo perfeito, desde que o homem se esforce a caminho da perfeição. Jesus apaga o passado, põe em ordem o presente, e assegura o futuro de todos os que n'Ele colocam a sua confiança. É este o grande privilégio de cada cristão: usufruir paz e tranquilidade da alma, neste *presente*. A absoluta confiança no sacrifício de Jesus, a aceitação dos Seus merecimentos infinitos, e a obediência amorosa à Sua vontade, garantem ao seu possuidor, a *Vitória através de Jesus*.

(Leitura para Quarta-feira, 20 de Novembro de 1957)

## Preparemo-nos para nos encontrarmos com o Senhor

por F. D. NICHOL

O futuro para cada um de nós ou será tão brilhante, como a face de Deus, ou tão escuro como os juízos de Deus. Ninguém poderá manter-se numa posição neutra, naquele dia, em que todos os homens haverão de prestar contas do que fizeram, nesta vida terrena. O homem ou a mulher que acredita, sinceramente, na Segunda Vinda de Jesus, vive, não para o dia de hoje, mas para o grande dia de Deus. Efectivamente, é nisto que reside a notável diferença entre a sua vida e a do mundo, que o rodeia. O crente vive, constantemente, na antecipação do grande acontecimento. Vê tal acontecimento como o momento mais importante que decide o seu destino, o momento que mede o seu passado e determina o seu futuro — que verdadeiramente decide se ele terá ou não um futuro.

Ninguém pode, verdadeiramente, pensar na verdade central desta mensagem — a Volta de Jesus — sem que o coração palpite mais rapidamente. Nem pode falar do fim do mundo com voz monotona,

ou com frases casuais. As profecias bíblicas também não são assim. As suas palavras são vivas, bem coloridas e dão ao leitor um sentimento de temor e perturbação. Os profetas sentiam-se tão impressionados com as visões da hora final da terra, que os seus escritos, nos outros assuntos parecem empalidecer comparados com os que se referem ao fim do mundo. Efectivamente, o esplendor penetrante daquela grande cena parece ofuscar todos os outros acontecimentos. Não se pode ler a descrição daquele grande acontecimento, sem se sentir a convicção de que todos os planos de Deus para com o homem se põem em evidência para salientar aquele resplandecente momento, em que a suprema glória de Deus iluminará montes e vales deste tenebroso mundo.

Tanto os profetas do Antigo Testamento, como os apóstolos do Novo Testamento falam da mesma

maneira. Isaías escreveu: «O Senhor... se levantará para assombrar a terra.» (Is. 2:19). Pedro testificou: «O dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos ardendo se desfarão, e a terra e as obras que nela há, se queimarão.» (II Pedro 3:10).

Nunca, até então, contemplaram os homens a glória desvelada de Deus.

Aquele dia será pavoroso, não tanto porque a terra vacile e trema pela aproximação de Deus, mas ainda mais porque toda a criatura humana será trespassada pelo olhar infinito e penetrante de Deus.

Será então que se há-de erguer aquele grito retumbante de milhões de vozes angustiadas pedindo às rochas e às montanhas que caíam sobre eles e os escondam «do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro. Porque é vindo o grande dia da sua ira, e quem poderá subsistir?» (Apoc. 6:16, 17).

A pergunta bem palpitante é a

seguinte: «Quem poderá subsistir, isto é, quem poderá manter-se de pé?» Não há nenhuma outra pergunta mais importante do que esta. Tragicamente, os que fizeram aquela pergunta, com o coração a tremer, na última hora da terra, fá-la-ão demasiado tarde. A diferença entre os salvos e os perdidos consistirá no facto de os salvos fazerem aquela pergunta e encontrarem, confiadamente, a resposta, naquele tão solene momento.

Ora, Irmãos e Irmãs, chegados a este ponto da nossa leitura, prestemos atenção. O Inimigo pode sugerir a alguns corações que tal pergunta não tem, realmente, nenhum significado para nós. Efectivamente insinua estas e outras coisas semelhantes: Não somos nós membros do Movimento Adventista que foi suscitado por Deus nestes últimos dias? Não somos nós o povo encarregado de proclamar aos homens que se preparem para o dia do Senhor? Porque a resposta a estas perguntas é *sim*, alguns de nós são tentados a prosseguir, dia após dia, num estado de apatia espiritual ou indolência.

Necessitamos de recordar que Satanás não tem objecções a formular contra o facto de sermos membros da igreja, desde que nos contentemos em considerar a igreja como uma simples apólice de seguro contra o fogo dos últimos dias. Mas naquele tremendo dia, em que tivermos de comparecer perante o Juiz de todo o mundo, não poderemos esperar ser admitidos na Pátria celestial, por termos tido, apenas, o nosso nome nos registos da igreja. É evidente, que temos de pertencer à igreja. Deus assim o ordena. Mas nós temos de fazer mais alguma coisa do que isso, pois temos de viver nas nossas vidas as verdades santas pelas quais vive a igreja. A decepção nunca é mais trágica do que quando leva um desorientado filho de Adão a convencer-se de que está salvo e seguro simplesmente porque é membro da igreja e se conforma com o formalismo exterior.

Deixem-me repetir, porque merece a pena repetir: o maior erro que podemos cometer — erro este

que nos pode custar o céu — é o de pensar que estamos espiritualmente seguros e caminhando para o céu, simplesmente porque fazemos parte do Movimento Adventista, que está trabalhando para o céu.

Há, decerto, agora, tantos que contam, com segurança ser admitidos na Pátria celestial, mas a quem o Senhor terá de dizer: «Nunca vos conheci.»

Graças a Deus que, ainda estamos a tempo de esquecer todo o nosso passado pecaminoso e de sermos aceitos como filhos de Deus, desde o momento em que nos arrependamos e nos voltamos para Ele. Mas também a mesma Santa Palavra que nos promete esta consoladora esperança, também nos convida a combater o bom combate da fé, descrevendo, em pormenor, certos males contra os quais devemos lutar arduamente, assim como certas graças que devemos cultivar. Também não podemos das tréguas a este combate. «O que perseverar até ao fim, esse será salvo.»

Não é suficiente que os nossos nomes estejam inscritos no registo da igreja; também devem estar inscritos no livro da vida do Cordeiro. Lembremo-nos de que o homem olha para as aparências, mas Deus olha para o coração, e é, precisamente, por aquilo que Ele encontra no coração, que decide se os nossos nomes devem ou não figurar no registo celestial. Estamos nós prontos para nos encontrarmos com Deus? Por isso devemos ter muito cuidado com os nossos corações. David orou não só com palavras saídas da sua boca — que representavam a sua vida exterior — mas também com a meditação do seu coração. «Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as saídas da vida.» (Prov. 4:23).

Não basta esquadriñar o horizonte, ao longe, para descobrirmos os sinais da vinda de Jesus. Muito mais importante, é, decerto, verificar se os nossos corações estão prontos para a Sua Volta. Se nos aprontarmos para nos encontrarmos com Jesus deveremos ter sempre, um novo coração — pois

os velhos corações não podem entrar no céu.

Falamos do fim do mundo, para estarmos preparados para nos encontrarmos com o nosso Deus. Mas isto não é suficiente. Devemos estar seguros de que o mundo sai fora de nós. O povo de Deus saíu do Egipto, mas o Egipto não saíu deles. E foi este o seu erro. Embora os seus rostos estivessem aparentemente dirigidos para Canaan, os seus corações ainda estavam no Egipto.

Suspiramos nós, ainda, pela chamada liberdade que tínhamos, antes de pertencermos à igreja — isto é, pelas reuniões mundanas, pelos divertimentos e outras actividades, que então tínhamos? Procuramos alcançar Canaan com uma das mãos, enquanto nos agarramos ao mundo com a outra? Se assim for, encontrar-nos-emos, naquele tremendo dia, diante de Deus, com uma vida falhada atrás de nós, e sem nenhuma vida adiante de nós. Não podemos dividir as nossas afeições ao meio, dedicando metade a Deus, e metade ao mundo, esperando, finalmente, ganhar o céu. Não haverá, no céu, personalidades partidas ao meio.

Descrevendo o caminho da salvação, a Bíblia fala, não de compromissos fracos, mas de contrastes fortes e de violentos conflitos. Temos de amar a Deus e de odiar o mundo — amar a justiça e odiar a iniquidade. Ouçamos as palavras do apóstolo João: «Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele.» (I João 2:15).

O apóstolo Tiago apresenta o contraste numa linguagem mais incisiva: «Não sabeis que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo, substitue-se inimigo de Deus.» (Tiago 4:4). Não podemos encontrar Deus em paz com afeições divididas.

Quanto de entre nós não teremos necessidade de orar a Deus para que tire dos nossos corações o amor do mundo. E só então poderemos caminhar, decididamente, em sinceridade, para cooperarmos

com Deus para o cumprimento das nossas orações. De nada nos valerá fazermos oração para termos uma boa viagem, se nos metermos ao caminho fora da nossa mão; será desastre certo, apesar da oração que tivermos feito.

Da mesma maneira serão as orações que fizermos pedindo a Deus que nos proteja dos perigos do mundo, se nos metermos, precisamente, em tais perigos, frequentando esta ou aquela determinada reunião, tomando parte neste ou naquele divertimento, nesta ou naquela conversa, onde tudo chama para o mundo. E nem é necessário sairmos de casa; basta muito simplesmente, ligar o aparelho de Rádio ou de Televisão, para ouvirmos ou vermos determinados espectáculos.

Porque seremos nós presunçosos? Porque esperamos o impossível da parte dos nossos anjos da guarda? É certo que eles trazem consigo a atmosfera do Céu e oferecem-se para nos cercarem com ela; mas se nós permitimos que a atmosfera mundana nos envolva, desaparece, então, a do céu, e as nossas almas adoecem. Assim enfraquecidos tornamo-nos presa fácil das doenças espirituais.

Já foi dito, e muito bem, que para se evitar o pecado, devemos evitar a ocasião de pecar. Se os nossos olhos e as nossas mentes estão concentradas nos prazeres do mundo, não nos estamos preparando para os prazeres do céu. Os divertimentos do mundo estão sobrecarregados de estranhos sons — erradamente chamados música — que têm o triste condão de afastar de nós o desejo de ouvirmos as melodias do coro celestial. Todos estes divertimentos mundanos podem fazer com que se perca o gosto pelo céu!

Este facto medonho deve ser uma resposta completa à pergunta que tantas vezes fazem os jovens — e também os que já não são tão jovens — «Que mal há em ir a este ou àquele lugar, ou em ouvir certa música?»

A separação é também o preço da santidade. E sem santidade ninguém poderá ver a Deus. Desde os dias de Abraão até aos últimos

apelos proféticos recordados na Sagrada Escritura, se tem ouvido sempre a ordem «Sai». Devemos viver separados do mundo, se quisermos, finalmente, habitar com Deus. Efectivamente, quanto mais nos aproximamos do fim do mundo, mais para longe do mundo devemos ir.

Isto pode parecer duro de ouvir e difícil de fazer, pois o Movimento Adventista está caminhando através de um mundo que se esqueceu do seu fim último. Mas a popularidade não é um passaporte para o céu.

O general Booth, fundador do Exército de Salvação, disse uma vez que já estava a recear o dia, em que o Exército se tornasse respeitável. Aquele general chegou a ver a sua organização ridicularizada e desprezada, nos seus primeiros tempos.

Pois o mesmo que o demónio pretendeu fazer com o nosso Movimento de Salvação, tornando-o ridículo aos olhos do mundo, redundou em grande bênção conservando-nos afastados do mundanismo.

Acautelemo-nos contra o grave perigo de passarmos a ter cotação mundana.

Mas talvez, não nos sintamos arrastados para o mundo, para os seus prazeres e para as suas actividades.

Mas estamos nós salvos de todo o perigo, e preparados para o dia do Senhor? Não. Pode o homem ter sido levado para fora do mundo, mas conservar o coração no mundo. Que é que nós acariciamos nos nossos corações? Pensamentos e desejos elevados e santos, ou terrenos e baixos? Só habitarão com Jesus, no reino celestial, os que, nesta vida já tivessem vivido com Ele nos seus corações. Mas como poderá Jesus habitar nos nossos corações, se estes corações estiverem cheios do mundo e do que é mundano?

Jesus não habita onde se encontram o ódio, a malícia, a hipocrisia ou qualquer vício ou maldade.

Não só o mundo, mas também a carne e o demónio se apresentam como um perigo constante para os que se preparam para o dia de Deus. Estes nossos corpos foram

grandemente enfraquecidos pelos maus hábitos de todos os nossos antepassados; mas é necessário que os conservemos em sujeição até ao grande dia em que o Senhor nos der novos corpos. Procurarmos desculpar os nossos maus traços de carácter, no plano em que os herdámos, não é o caminho para nos prepararmos para o céu.

Só poderemos cantar vitória unidos a Jesus. Podemos ser «mais do que vencedores, por aquele que nos amou.» (Rom. 8:37). De facto, os nossos pontos fracos tornar-se-ão fortes.

Há, porventura, discussões e perturbações nas nossas casas? Ouvem-se, ali, palavras violentas? Pois bem! O prepararmos-nos para o céu inclui pôr tudo, na devida ordem, com as nossas famílias. Se nós não tivermos aprendido a viver em paz com os que nos são mais chegados e mais caros, como poderemos esperar viver, felizes, com a família celestial? Deus deseja ajudar-nos a manter em ordem as nossas casas. Lágrima de confissão, as mãos juntas em oração em volta do círculo da família—como poderemos resolver melhor as preocupações e dificuldades que nos assaltam? E quando o lar está cheio de amor e reflexos do céu, podemos ter a certeza de dispor de grande força para defrontar as dificuldades de cada dia!

Talvez haja atritos na igreja, qualquer frieza, qualquer azedume entre os irmãos. Como é que então poderemos dizer que amamos a Deus? «Se alguém diz: eu amo a Deus e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?» «Nós sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama o seu irmão, permanece na morte.» (I João 4:20; 3:14).

Como é para lamentar, quando uma igreja adventista, que pretender estar de pé, como uma testemunha da grande verdade da próxima vinda do Senhor, se encontra perturbada com as discórdias entre os seus membros que assim não estão preparados para a Sua vinda!



Que tempo melhor do que o de hoje para endireitarmos o que não está correcto? Disse Jesus: «Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.» (João 13:35). Devemos ter amor e harmonia não só nas nossas casas, mas também entre todos os irmãos das nossas igrejas. Só assim é que estaremos prepa-

rando seguramente o nosso caminho para o céu.

O tempo passa velozmente. Estão iminentes grandes acontecimentos. O espírito de Deus não estará, sempre, contendendo com os homens. «Eis aqui, agora, o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação.» (II Cor. 6:2).

Ou encontramos, desde hoje, re-

fúgio e paz na graça que Deus nos oferece, ou então viveremos no terror e procuraremos, debalde refúgio nas grutas das rochas, quando Jesus voltar.

«Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que d'Ele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz.» (II Pedro 3:14).

(Leitura para Quinta-feira, 21 de Novembro de 1957)

## Apelo e oportunidade para uma tarefa mundial

por W. R. BEACH

Durante uma campanha evangelística, bem sucedida, através da Samaria, Jesus chamou a atenção dos discípulos para as searas maduras que os circundavam. Dali a quatro meses estariam na época das colheitas. Qualquer habitante da Palestina compreendia o que Jesus dissera. Mas a tarefa do Evangelho não pode esperar; de facto não admite delongas. Disse Jesus: «Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa.» (João 4:35).

Jesus convidou os discípulos a fixarem a atenção em duas coisas: o campo e a ceifa. «O campo» explicou o Mestre, «é o mundo». E acrescentou: «A ceifa é o fim do mundo.» (Mat. 13:38,39).

Estas duas declarações deviam constituir o programa cristão. Permitiram aos discípulos exercitar a vista e concentrar o pensamento no ponto principal. Marcam a estrada principal, ao longo da qual a igreja deve trabalhar e indicar onde deve parar. Implicam um desafio e uma oportunidade conforme vamos considerar na meditação desta noite.

«A todo o mundo» era o programa do Filho de Deus. Aquele que veio procurar e salvar o que se tinha perdido proclamou: «E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim.» (João 12:32). Jesus não disse: «Eu sou a luz da Palestina!» Pelo contrário, proclamou: «Eu sou a luz do mundo.» (João 8:12). Não ensinou aos Seus discípulos que eram

«o sal de Nazaré.» Disse-lhes: «Vós sois o sal da terra.» (Mat. 5:13). É assim que vemos uma estratégia numa escala universal, pois os planos de Deus abraçam todo o mundo.

E para assegurar o bom exito do plano temos a garantia de todas as riquezas do céu. Os planos de salvação não são, apenas, para alguns; são para todos os homens.

Os crentes apostólicos bem depressa compreenderam a tarefa de Jesus. Entraram nela com a oposição decidida dos seus compatriotas que defendiam um patriotismo muito restrito. O concílio de Jerusalém (Actos 15) foi o ponto culminante da crise e estabeleceu o curso da instituição cristã.

A igreja não deveria ser sectária; também não deveria ser provincial, nem nacional nem continental; a sua missão seria universal, com uma mensagem para todo o mundo.

Contudo, sob este aspecto, também a igreja enveredou por mau caminho. Bem depressa a igreja se preocupou com a construção e organização da instituição clerical. A salvação desta instituição sobrepôs-se à salvação das almas. A visão da igreja começou a estreitar-se, tornando-se principalmente latina, europeia. Esta perda da visão mundial teve consequências desastrosas. A urgência de um evange-

lismo universal desapareceu; a espada da conquista embotou-se, partiu-se mesmo. Rolaram os séculos e no alvor da nossa idade moderna o mundo não-europeu ainda se encontrava mergulhado em completa ignorância acerca das boas novas de Deus para com a humanidade.

Chegou, então o século XVI da Reforma. Mas até ao início do século XIX a igreja cristã da Europa Ocidental ainda não se havia lançado a fundo na grande comissão do Senhor. Foi então que se registou o começo da era das missões.

Foi então que os mensageiros da cruz se espalharam por muitos e distantes países. Os seus esforços foram facilitados pela influência da Europa Ocidental nos assuntos mundiais. Nalguns casos recorreu-se ao apoio de governos para se facilitar a obra missionária. Fundamentalmente, este programa estava baseado numa igreja com missões e apresentava-se com as características ocidentais. Ora esta concepção ainda era muito diferente dos planos apostólicos. Os discípulos de Jesus partiram para toda a parte para fundar uma igreja missionária mundial. A conclusão do programa de Deus para «o tempo do fim» efectuar-se-á de harmonia com os modelos apostólicos.

Foi assim mesmo que foi revelado ao apóstolo João na ilha de Patmos. No quadro profético que o anjo lhe revelou no Apocalipse, o apóstolo vê a proclamação do «evangelho eterno a toda a nação,

e reino, e língua e povo» (Apocalipse 14:6). Todos sabemos como o Movimento Adventista se tem esforçado por cumprir este plano. Para ser bem sucedido, deve estar preparado para se dirigir a todas as nações, a todas as raças, a todos os homens de todos os credos.

Irmãos e Irmãs, os nossos pensamentos, os nossos planos e o nosso testemunho devem convergir para este objectivo. Devemos trabalhar tendo em vista a conversão de todos os povos. O nosso objectivo não é o de converter almas ao Protestantismo, nem a qualquer ramo do Cristianismo. O nosso mandato é o de ensinar a todos os homens o «evangelho eterno» e levá-los para a multidão dos remidos. Tendo este plano em vista, esforçar-nos-emos em qualquer parte do mundo, por evitarmos quaisquer filiações ou comissões eclesiásticas, procedentes de filosofias regionais religiosas, económicas, governamentais ou culturais, de maneira a mantermo-nos firmes na plataforma da mensagem e organização universal.

Cooperaremos, sem dúvida, com todos os homens de boa vontade e propósito. Seremos colaboradores conscienciosos. Nisto assim como em tudo o mais em que participarmos, apresentar-nos-emos com a consciência de executarmos o plano divino procurando transportar connosco a atmosfera de lugares celestiais. Só assim poderemos esperar tomar parte no desafio para uma tarefa de salvação mundial levando portanto o mundo a confiar em nós.

A tarefa mundial convida-nos, antes de mais, a aceitar a paternidade de Deus e a fraternidade do homem. A resposta do apóstolo Paulo a este desafio foi exemplar. «Ponho-me de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome.» (Efésios 3:14, 15).

Escrevendo assim, o apóstolo Paulo fazia-se um eco do ensino do Mestre. E esta sublime verdade fez raiar um novo dia nesta nossa terra; através da reconciliação em Jesus, acabou com a muralha que dividia as raças e os homens; a

partir de então o inimigo já pode ser amado; todo e qualquer Samaritano se transformou no nosso próximo.

Jesus enviou dos altos céus o apóstolo Paulo a evangelizar os Gentios. Não se deviam tornar Judeus mediante a conversão. Tornaram-se filhos de Deus. O cristão deveria tornar-se «uma nova criatura». (2 Cor. 5:17).

Os eleitos deviam constituir uma nova humanidade.

Esta raça universal considerará o triste destino dos homens perdidos, em toda a parte com profundo interesse. Os lugares mais atraentes na terra seriam para estes filhos de Deus, precisamente os que fossem mais densamente povoados de seres humanos. Todos os componentes da grande família de Deus amam os desgarrados que procuram salvar. O pródigo será sempre bem acolhido por todos os irmãos, filhos do mesmo Pai celestial.

Sabemos que a negação de qualquer forma da paternidade universal de Deus e da fraternidade dos homens levaria o coração para fora do movimento mundial e sufocaria o espírito que clama «aba, pai».

Uma concepção mundial da nossa gloriosa tarefa levar-nos-á, sem dúvida a eliminar a heterodoxa distinção, que algumas vezes nos sentimos tentados a fazer entre as missões da «pátria» e do «ultramar».

O apelo evangelístico e o empreendimento missionário constituem um e o mesmo trabalho e devem ser conduzidos sempre para a frente, ao mesmo tempo.

O ensino de Jesus torna isto bem claro. Não indicou nenhum tempo na Sua grande missão para se dedicar aos homens do ultramar, só depois de haver convertido os da Sua terra. Teve de corrigir a concepção demasiado estreita dos Seus discípulos, que no seu limitado zelo falavam do «reino de Israel». «Ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins do mundo». (Actos 1:8). Era uma indicação bifocal com a qual Jesus significava que enviava

os discípulos por todas as estradas e através de todas as fronteiras e por todos os mares simultaneamente. «O campo é o mundo».

Encontramos, por vezes, determinadas pessoas que vêm muito bem ao longe e que são movidas pelas necessidades de terras distantes, mas que no final das contas nem sequer apresentam uma pequena lista de conversões perto das suas portas.

Há, porém, outras pessoas que têm boa vista ao perto: são movidas por um forte fervor evangelístico para com os que podem ver, mas não têm nenhum interesse em conquistar aquelas almas que estão ao longe separadas pelo véu da distância. Ambas estas categorias de pessoas erram. Na causa do Advento, cada um dos crentes, cada obreiro, cada igreja, cada instituição, cada campo, é responsável pela evangelização tanto do seu próprio campo, como também, «dos confins do mundo». «O mundo é a minha paróquia» — tal deve ser o resultado de uma boa visão.

Já fizemos os nossos planos para esta consideração fundamental? Aqui temos matéria necessária para cada um de nós pensar muito a sério, durante esta noite. Há uma pergunta que não se deve omitir e é a seguinte: Como é que os legítimos desejos de expandir e fortificar o trabalho missionário tanto no nosso próprio campo, como em qualquer outra secção do campo, poderá ser relatado perante as necessidades das terras e das áreas que ainda o não têm?

Se trabalhamos na bela terra da América sobre a qual Deus colocou, tão poderosamente a Sua mão de abundância, o problema será real, e conforme a solução que se lhe der, assim dependerá, em grande e definitiva medida, o sucesso do Movimento Adventista. Contudo, a mesma questão, num maior ou menor grau, também pode ser respondida em cada secção do campo mundial. Em toda a parte, Deus chama homens e mulheres para evangelizarem os seus próprios concidadãos, assim como também para dividirem os tesouros do evangelho com os outros povos vizinhos. É sempre, e será

sempre um caso de campos distantes.

A nossa concepção mundial da tarefa missionária leva-nos a considerar outro ponto muito importante. Os problemas levantados e as longas discussões que têm provocado entre outros dirigentes cristãos são, de facto, indicadoras da crise que tem aparecido nos planos missionários das igrejas ocidentais. Certa revista bastante influente publicou recentemente um artigo com este título: «Estão mortas as missões?» O pensamento do autor de tal artigo era que, embora o missionarismo tivesse defrontado a cólera e os canibais desde os seus primeiros dias com coragem e zelo, contudo, hoje, a sua confiança estava decaída e por isso estava agonizante; deste modo, todo o futuro do programa missionário — segundo aquele mesmo autor — estava em perigo grave.

Irmãos e Irmãs! O Movimento Adventista não se defronta com tal perigo. Circunstâncias várias no mundo podem abrir ou fechar portas para juntar ou dispersar obreiros no ultramar ou para atravessarem fronteiras de longínquas terras. Contudo, a nossa concepção e organização mundial torna possível ajustar processos e providenciar perante as necessidades da causa, com as mudanças e alterações de fontes tanto de homens como de meios.

Durante dezenas de anos, as igrejas da América do Norte transportaram um pesado fardo, e quase sós, que foi o de promoverem o avanço da igreja. Hoje este fardo está dividido em vários graus pelas várias Divisões do mundo. O Movimento Adventista emprega em todo o mundo, cerca de 45.000 obreiros em actividades evangelísticas e institucionais. Deste total, cerca de 43.000 são das próprias nacionalidades. De mais de 2000 obreiros do ultramar cerca de 60% foram enviados para os seus campos de trabalho, partindo da Divisão Norte-Americana. Os restantes procedem de outras Divisões. Praticamente, cada secção do mundo tornou-se agora tanto um campo de trabalho nacional como um campo

de evangelismo. Tal é o desenvolvimento natural de uma verdadeira igreja mundial.

Por isso é que não nos defrontamos com qualquer crise de organização. Cada unidade do Movimento Adventista é propagandista de si mesma e governadora de si mesma adentro do trabalho da igreja mundial.

O todo é responsável por cada parte e cada parte é responsável pelo todo. As unidades mais fracas encontram assistência associando-se conjuntamente com o todo; as mais fortes reúnem a inspiração na mesma associação. Os Franceses dizem: «Uma das mãos lava a outra e ambas lavam o rosto». Uma igreja mundial é um corpo com muitos membros. Estes membros organizam e dirigem os seus trabalhos, edificam a casa de Deus e alargam o Seu trabalho, aconselham-se uns com os outros através de uma direcção geral. Sem pensamento de crise é a direcção indicada como a projecção natural desta concepção mundial. Os requisitos para esta direcção não são dons especiais de uma raça, de um povo ou de uma escola. No desempenho natural das circunstâncias e da experiência, serão os homens e as mulheres melhor qualificados que tomarão os seus lugares como obreiros e como dirigentes.

São estes os alicerces sobre os quais se pode construir o edifício de uma organização mundial. Não se deseja, nem há necessidade de mudar de modelo. A experiência ensina que o trabalho de Deus progride melhor, em qualquer secção do mundo por uma força de trabalho cosmopolita. Um grupo desta natureza proporciona qualidades suficientemente variadas para contrabalançar quaisquer fraquezas acidentais e para realçar certas qualidades, ao mesmo tempo que serve de lembrança constante de que pertencemos a um movimento que abraça todos os povos. O ideal é ter obreiros tanto nacionais como estrangeiros, em todos os campos. Todas as unidades devem ser auxiliadas para completar este ideal. Por este processo podemos manter o milagre de uma verdadeira igreja mundial com uma

verdadeira missão mundial e um verdadeiro ministério também mundial. Os espectadores continuarão a maravilhar-se com a maneira como avança a Causa de Deus triunfalmente para os quatro cantos do mundo.

Porque é necessário que o avanço continui. Sim! Há ainda muitas terras para ganhar. O apelo para territórios que ainda não se penetraram com populações que ainda não conhecem a Mensagem mantém-se vibrante e convida-nos a actuar. Na cidade, como no deserto e na planície, há ainda milhões de pessoas que desconhecem a verdade do Evangelho.

Não podemos esquecer os preparativos bélicos das potências terrestres que erguem ameaçadoramente as suas armas sobre as vidas dos homens. As filosofias materialistas e de individualismos egoístas têm empalmado importantes secções do globo. Muitas regiões da terra estão ainda mergulhadas na mais profunda noite da ignorância e da superstição, vivendo sem esperança entre sofrimentos de toda a espécie. Em milhares de povoações ainda sobe para o céu o fumo da idolatria. Em grandes zonas rurais e urbanas da África e da Ásia, uma revivescência sem precedentes de religiões pagãs apressa o apelo de um trabalho ainda não acabado.

Na verdade uma tarefa mundial convida-nos — a nós povo Adventista em todo o mundo — a dilatar hoje os nossos corações. É este o tempo da salvação, é este o tempo da ceifa; e «a ceifa» — disse Jesus — «é o fim do mundo.»

Esta declaração causou admiração entre os discípulos. Só pouco a pouco é que a foram compreendendo. Quando então se desenvolveu a sua compreensão, é que então o plano de Deus e o futuro do mundo se colocaram em pleno foco. Começaram, então, os discípulos a pensar em termos de um acabamento universal e na conclusão do seu objectivo. Seria então uma conclusão, um fim.

Os discípulos procuram conhecer o tempo e as circunstâncias

deste fim. Assim, já na sombra da cruz, aproximaram-se do Mestre e perguntam: «Quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo.» (Mat. 24:3).

Jesus respondeu com um longo discurso cheio de instruções. Para os discípulos muitas coisas ficaram obscuras, mas o último objectivo para o qual caminham a História e a Igreja vai-se tornando claro e glorioso. «Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim.» (Mat. 24:14).

Depois da partida do Mestre, os discípulos continuaram a sua investigação na Sagrada Escritura e olharam para o futuro, para a conservação dos séculos. Com Pedro esperaram aquelas coisas «que Deus falou pela boca de todos os Seus santos profetas, desde o princípio.» (Actos 3:21) «Tempos de refrigério pela presença do Senhor» para preparar uma ceifa abundante. (Actos 3:19). Devem juntar-se os molhos recolhidos de todas as terras, no meio de uma grande manifestação de poder e de êxito — o maior jamais presenciado. A terra deve ser iluminada com a glória de Deus. O espaço de tempo marcado para este trabalho é limitado; por isso é caracterizado por um sentimento de urgência. Hoje, este sentimento de urgência vibra fortemente com cada hora que passa. A igreja já não tem séculos diante de si. Na verdade. «A noite vem» (João 9:4). Certamente que esta urgência e promessa de poder devem chamar o povo de Deus a lançar-se a um trabalho de acção missionária sem precedentes.

Nós temos hoje de defrontar, nesta hora do pôr do Sol tantos problemas desconhecidos dos séculos passados. Mas estes problemas e perplexidades são em maior número do que se pensa. A história do avanço da verdade nunca poderá ser completamente referida, nem tão pouco se poderá medir exactamente a acção do Movimento Adventista. Só no céu é que se poderá fazer o registo completo. Contudo uma simples apre-

sentação de estatísticas já tem o condão de nos fazer estremecer de entusiasmo por aquilo que o nosso Movimento tem feito na obra da salvação.

Em 1925, depois de 62 anos de árduo trabalho, os membros baptizados do Movimento Adventista atingiram 250.988. Em 1940 (15 anos mais tarde este número elevava-se já a 504.742. Foram necessários, apenas dez anos mais, para alcançar os dois-terços do milhão de membros, pois em 1950 o número total era de 756.712. Em seguida, no fim de 1955 os nossos membros já totalizavam 1.006.218. Foram precisos apenas cinco anos para alcançar o último quarto de milhão, que faltava! As matemáticas deste prodigioso aumento podem dar-nos uma medida do êxito que Deus tem preparado para a Sua igreja remanescente. Que grandes vitórias não poderemos nós alcançar com a ajuda de Deus, continuando assim neste ritmo de tão belo êxito!

Irmãos! Estamos marchando a direito em direcção do triunfo final. Deus está impelindo o Seu exército a levar o conhecimento da verdade a todo o mundo. Biliões de palavras impressas têm sido dis-

tribuídas por toda a parte como as folhas do Outono; é que também elas têm de realizar o trabalho para Deus. Pensemos, também, nos milhões e milhões de palavras pronunciadas, nos actos de caridade e de beneficência, nas visitas missionárias, na rádio, na televisão e em todas as outras circunstâncias em que o Movimento Adventista se tem empenhado em proclamar o «Evangelho Eterno!» A oportunidade e o programa da hora presente estão para lá de toda a imaginação. Os milhões de habitantes da terra têm de ser avisados. Em breve Jesus virá e colocará o Seu selo de aprovação sobre a obra concluída.

Tais são os apelos e as oportunidades para a obra mundial que hoje temos de efectuar. Que Deus nos conceda uma completa e melhor compreensão da responsabilidade que nos incumbe nesta hora tão importante e grave na história. Como os primeiros discípulos, que nós também nos possamos dirigir para a cruz, como pecadores penitentes, para prosseguirmos como testemunhas exultantes. Assim, poderemos marchar alegre e prontamente até aos confins da terra.

(Leitura para Sexta-feira, 22 de Novembro de 1957)

## ONDE ESTÁ O REBANHO?

Quando Deus ia tirar o Seu povo para fora do Egipto para Canaan, Faraó consentiu com uma condição — que só certos membros da família saíssem, e que as mulheres e as crianças ficassem para trás. Ele sabia que se essa condição fosse aceita todo o plano falharia. Mas o condutor destemido de Deus, sem compromisso algum, anunciou: «Havemos de ir com os nossos meninos, e com os nossos velhos; com os nossos filhos e com as nossas filhas, com as nossas ovelhas, e com os nossos bois havemos de ir.» (Exo. 10:9).

Nesta última hora de perigo

por E. L. MINCHIN

em que Deus vai conduzir os Seus filhos para a Canaan Celeste, Satanás, mais uma vez, tentará, para fazer-nos negligentes da salvação de nossos filhos e jovens. Que a igreja se entregue à sua tarefa, e com o mesmo espírito de determinação diga: «Havemos de ir, com os nossos filhos e com as nossas filhas havemos de ir.»

«Congregai o povo, santificai a congregação, juntai os anciãos, congregai os filhinhos, e os que

mamam: saia o noivo da sua recâmara, e a noiva do seu tálamo. Chorem os sacerdotes, ministros do Senhor, entre o alpendre e o altar, e digam: Poupa o Teu povo, ó Senhor, e não entregues a Tua herança ao opróbrio, porque diriam entre os povos: Onde está o seu Deus?» Joel 2:16,17.

O profeta Joel chama para se fazer soar um alarme de advertência à igreja de que o dia do Senhor está perto, e incumbe a mesma de «congregar os filhinhos», e de se tornar segura de que as nossas famílias estão connosco, preparadas para o dia da Sua vinda.

Os jovens que crescem nos lares e nas igrejas dos Adventistas do Sétimo Dia são o nosso maior tesouro. Todos os esforços concebíveis devem ser feitos para prender a sua energia juvenil no serviço de Cristo e da Sua igreja. É declarado que, se nós vencêssemos e segurássemos todos os jovens e crianças que crescem nos lares e igrejas Adventistas, o ganho líquido da igreja seria maior do que presenteemente, através de todos os esforços evangelísticos combinados. Os obreiros da Causa de Deus são quase todos saídos das fileiras dos nossos próprios jovens. O pastor Montgomery, um dos nossos maiores dirigentes, disse uma vez: «Não há nenhum campo mais frutífero em todo o mundo do que a nossa própria juventude, nas nossas igrejas.»

### *Nestes tempos trabalhosos*

Paulo advertiu que os últimos dias seriam tempos trabalhosos (II Tim. 3:1). Mas estes tempos trabalhosos afectam as crianças e os jovens muito mais do que aos mais idosos. O diabo tem armado milhares de armadilhas para os pés vacilantes dos nossos filhos. Quando é que nas eras passadas os jovens tiveram de defrontar a exibição do vício e do crime por meio de belos filmes tentadores que se movem nos ecrãs? Quando é que antes houve um tal dilúvio de leitura barata e degradante, preparada para atrair os olhos e despertar as paixões dos jovens? Quando é que o dom da música

foi tão prostituído e o mundo tão cheio de canções loucas e sem valor? Quando é que antes, têm vozes e sons de milhares de lugares de prazeres sido trazidos, através do ar, pela rádio, para dentro das nossas próprias casas?

Quando é que antes, os nossos santuários domésticos foram invadidos pelo fascinante poder mundano que se encontra na televisão? Esta nova e subtilíssima espécie de tentação, trazendo o espírito e as loucuras do mundo para dentro de casa, apresenta um dos mais graves problemas. É verdade que há bons programas. Mas é a mistura subtil do bom e do mau, o tempo desperdiçado com coisas vãs e triviais, e a incapacidade de muitos de fazer a necessária selecção, que embotam as sensibilidades espirituais do nosso povo e moldam os nossos filhos segundo o espírito do mundo.

Quando é que as normas morais têm sido tão completamente derubadas, e o vício exaltado acima da virtude? Quando é que antes a juventude presenciou espectáculos desgraçados de lares desfeitos por toda a parte, com julgamentos de divórcios, exigindo trabalho de horas extraordinárias para poder despachar o grande número de separações judiciais? Quando? *Nunca.*

Estas coisas são peculiares nos nossos dias, e constituem uma grande ameaça aos inexperientes e vacilantes pés dos jovens. É destes perigos que Deus deseja salvar os nossos membros e a juventude, mas para tornar isto possível Ele necessita da nossa cooperação. Como havemos de encontrar esta situação e salvar os nossos filhos dos perigos desta hora?

### *O Santuário do Lar*

A força da igreja está em razão directa com o carácter dos lares dos nossos membros. O verdadeiro lar cristão é um poderoso baluarte contra o mal, e uma poderosa influência nas vidas da nossa juventude tentada. «É o desígnio de Deus que as famílias da terra sejam um símbolo da família do

céu. Os lares cristãos, estabelecidos e conduzidos de harmonia com o plano de Deus, estão entre as Suas mais efectivas agências para a formação do carácter cristão e para o avanço da Sua obra.» *Test. V. 6, p. 430.* Que tremenda responsabilidade isto representa para todos os lares Adventistas do Sétimo Dia. Em vista disto demos atenção a alguns aspectos da vida em nossos lares que devemos guardar zelosamente.

### *(a) O Espírito do Lar*

Muito mais importante do que a ordem e o programa do lar é o espírito do lar. O espírito de felicidade, amor, palavras bondosas e vida abnegada, manifestados por pais e filhos, têm uma influência que não pode ser avaliada. Os filhos poderão andar desgarrados anos mais tarde, mas nunca realmente perderão a influência dum lar onde reinou o amor. Quando o amor de Deus habita em nossos lares e nos faz ali cristãos e cristãs firmes, a igreja terá poder para abalar o mundo.

Num congresso um mancebo procurou auxílio junto dum ministro visitante. Abatido e soluçando disse: «Pastor, sei que tudo o que disse nas reuniões é verdade, mas, se somente conhecesse a espécie de lar em que vivo, saberia que eu não posso ser um cristão e viver para esses princípios. A minha mãe e meu pai são membros de igreja mas discutem entre si, e eu discuto com o meu irmão. Acabamos de ter uma terrível questão na nossa tenda.» Pais e mães, que têm visto os vossos filhos em vossos lares? Ouvem eles somente palavras bondosas entre vós? Ou ouvem os vossos filhos alterações, querelas e palavras ofensivas entre vós? É o espírito de bisbilhotice e a crítica maldosa que prevalecem em torno da vossa mesa de família? Jovens, tendes também uma responsabilidade. Tendes, pela vossa consideração de amor para com vossos pais e outros membros da vossa família, contribuído para a felicidade e força do vosso lar?

### (b) A Religião no Lar

Está o altar da vossa família em reparação, e ouvem os vossos filhos a voz de oração, os cânticos de Sião e a leitura da Palavra de Deus, como um hábito regular da vossa vida do lar? «E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração: E as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te». Deut. 6:6,7. Muitos pais falham em manter o altar da família, porque eles mesmos não estão em ordem com Deus. O altar da família é o centro donde deve irradiar a vida espiritual do lar.

O Santo Sábado devia ser um dia de alegria sagrada e de verdadeiro culto em todos os lares Adventistas. Quão cuidadosamente devíamos guardar todo este dia santo — mesmos nos seus limites. Que bela cena quando toda a família se encontra reunida ao pôr do sol, para elevar os seus corações em cânticos sagrados e oração a um amoroso Pai. Receamos mesmo que esta santa prática se esteja extinguindo em muitos lares. Demasiadas vezes conversas mundanas, risos e chocarrices, e outros actos em dia de Sábado, entristecem o Espírito de Deus e obscurecem as consciências tanto de pais como de filhos. A bem-aventurada influência do verdadeiro amor e culto num lar perdura nos corações de pais e filhos para sempre.

### c) A Verdadeira Cultura no Lar

Que norma de cultura cristã é vista em nossos lares? Como poderemos vencer o amor à música, leitura, diversões e conversas frívolas e sem valor? A solução está no lar onde pais inteligentes e vigilantes incutem o amor às coisas boas e belas, persistindo em colocar diante de seus filhos a boa leitura, a boa música e elevados entretenimentos. Que música e programas se consentem que entrem em vossos lares pela rádio e televisão? Que espécie de canções são

tocadas no vosso piano? Que livros e revistas se encontram na vossa biblioteca? Se os nossos lares estão cheios do que não presta, não nos devíamos admirar se os nossos filhos estão mundanizados, sem espiritualidade e não sintam apreço pelas coisas belas desta Mensagem.

Durante uma visita a um certo lar, uma mãe adventista consagrada, de quem dois filhos estão frequentando um dos nossos colégios, trouxe uma caixa cheia de certificados da Escola Sabatina, M. V. e M. V. J. ganhos pelos seus três filhos durante os seus dias de infância e juventude. A sua biblioteca estava cheia de literatura da Mensagem. O *Instrutor da Juventude*, *Sinais dos Tempos*, *O Nosso Amiguinho*, estavam bastante usados, mas em pacotes arrumados em cima da mesa. Estas crianças haviam sido moldadas pelo Espírito desta mensagem e haviam crescido para apreciar as coisas verdadeiras e belas para as quais vive a Mensagem. Esta mãe havia edificado para a eternidade, colocando continuamente diante dos filhos essas coisas que não deixavam tempo ou interesse, no lar, às coisas vãs.

Quantos jovens preciosos se têm perdido para a igreja por um espírito de intolerância e crítica severa para com os que erram? Que muita paciência e amor sejam empregados ao tratar-se dos seus erros e faltas. Louvemo-los quando procedem bem e mostremos-lhes amor quando os possamos reconduzir das suas faltas cometidas. O que a igreja necessita é dum exército de grandes obreiros pessoais, que sabem como, por uma camaradagem amável e um interesse bondoso, ganhar os corações dos que erram. Muito jovem desculpado, se fosse convidado a participar das bênçãos do círculo da família nalguns lares cristãos, poderia ser salvo dos seus desejos para as companhias e prazeres mundanos. Que Deus nos ajude a pôr um exemplo diante dos nossos jovens de vida cristã sincera e fir-

me. Eles procuram em nós esse exemplo e ficam desapontados e muitas vezes em situação crítica quando esse exemplo falha.

### Andando no Caminho de Deus

O antigo Israel mundanizado e a sua recusa de ouvir a voz de Deus de aviso e de súplicas foi a causa do seu fracasso e da sua rejeição da parte de Deus. (Ler Salmo 81:8-14). Esta tem sido sempre a razão do fracasso de muitos na igreja de hoje. Andando segundo os nossos próprios pensamentos e recusando andar no caminho que ele nos ordenou, e entregando-nos às práticas e caminhos do mundo, nos trarão o fracasso hoje tão certamente como então.

Os primitivos crentes nesta mensagem eram humildes, confiantes e sem mundanismo. Voluntariamente sacrificaram os seus meios e as suas vidas à sua proclamação. Somos nós nos nossos lares também sem mundanismo e o mesmo povo separado hoje, ou permitimos neles e nas nossas igrejas práticas que sabemos não serem da vontade de Deus?

Num dia breve as cenas e experiências desta vida terão passado e nós seremos chamados à presença do nosso Senhor. Nesse dia Ele perguntar-nos-á: «Onde está o rebanho que te foi entregue, o teu lindo rebanho?» Possamos então ter a experiência de olharmos para o Seu rosto e responder: «Eis-me a mim e aos filhos que o Senhor me deu.»

É provável que aqui, esta noite, haja lares representados, em que filhos já se encontrem afastados de Deus e da igreja? Se assim é, examinemos primeiro os nossos próprios corações e depois apresentemos os seus nomes perante o Senhor neste culto. Saiamos cheios de amor em sua procura, procurando e orando até que sejam encontrados e reconduzidos mais uma vez para o lugar seguro do aprisco.

(Leitura para Sábado, 23 de Novembro de 1957)

# Aguardando a Bem-Aventurada Esperança

«Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo; O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo Seu especial, zeloso de boas obras.»

Nesta passagem é mais uma vez chamada a nossa atenção para a bem-aventurada esperança da segunda vinda do Senhor tão falada nas Sagradas Escrituras. Redenção, purificação e aceitação, como povo especial de Deus com zelo para as boas obras, é a descrição do Seu povo que O aguarda ansiosamente. O segundo Advento é mais do que uma teoria para os crentes. Ter-se-á tornado o princípio guia das suas vidas. A consciência da Sua iminente aparição estará sempre com eles. Como estrangeiros e peregrinos na terra, estarão esperando por essa cidade

por R. R. FIGHUR

que tem os fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus. Com o apóstolo Paulo eles amarão a Sua vinda.

Foi esta certeza da segunda vinda de Cristo que primeiramente fez surgir e unir este povo do Advento há mais dum século. Os primitivos crentes já foram para o seu descanso, mas a esperança, que tão profundamente acariciavam até ao fim, ainda vive em muitos milhares de outros corações em todo o mundo. A certeza divina para eles é que «O que há-de vir virá, e não tardará.» Esta esperança devemos conservar viva em nossos próprios corações, porque a Sua vinda está mais perto, muito mais perto agora do que quando aceitámos a fé. Não nos deve apanhar de surpresa. Não nos devemos perder em entendimentos e interesses mundanos, e em nossos corações dizer: «O meu Senhor tarde virá.» Os verdadeiros seguidores de Deus naquele grande dia estarão prontos e esperando para O acompanhar às mansões eternas dos bem-aventurados.

Embora o Senhor pareça tardar e o tempo pareça prolongar-se para além do que primeiro esperávamos, os que são verdadeiramente Adventistas esperarão e viverão a experiência do cântico que diz:

Cristo volta! Não sabemos em que dia vai descer.

Mas podemos ter a certeza, que Seu [rosto vamos ver!] A palavra escrita di-lo, ela não há-de [falhar.] E por isso esperamos ver Jesus aqui [voltar.]

Para que pudéssemos estar preparados no dia da Sua vinda, Cristo entregou-se a si-mesmo por nós, diz Paulo, para remir-nos do pecado e suas consequências. A

nossa redenção foi adquirida por um preço infinito — a vida do Filho de Deus. Embora muito cara para além da compreensão humana, o preço foi alegremente e de boa vontade pago. Não houve hesitação nos céus perante a transacção e desde então não houve mudança de sentimento. O profeta Isaías referindo-se a isto diz que quando o Senhor finalmente vir o resultado da Sua compra «ficará satisfeito». Que bom é saber que o Senhor não lastima o preço pago pela nossa redenção!

A palavra «remir» que o apóstolo emprega em Tito tem um certo sentido, merecendo que nos detenhamos sobre ele. Referindo-se a este mesmo versículo, Tito 2:14, um estudante de grego declara: «Significa livrar ou libertar pagando um resgate. O substantivo tendo a mesma raiz significa dinheiro de resgate para libertar um escravo. Depois do nosso bendito Senhor nos comprar no mercado de escravos, o dinheiro do resgate, sendo o Seu próprio precioso sangue, nos tornamos Sua propriedade particular.» — Wuest, *Nuggets*, p. 15.

A tradução da Bíblia, para línguas novas e primitivas, é muitas vezes acompanhada de dificuldades, quando o tradutor se esforça por pôr a Bíblia em palavras compreensíveis em línguas simples e deficientes. Devido a esta exiguidade de palavras, que possam expressar sentimentos, ideias cristãs e qualidades divinas, entre povos primitivos, os tradutores procuram longo tempo e frequentemente têm de empregar uma frase para abrançar o pensamento desejado. A palavra «remir», um termo chave da Escritura, não foi fácil traduzir para a língua Bambara da África Ocidental. Mas os nativos, depois de apanharem o pensamento, expressaram-se deste modo: «Deus tirou as nossas cabeças». «Mas como é que o povo compreenderá isso?» perguntámos nós. «Ó! isso é fácil. Talvez vos esqueceis, mas histórias dos raids por escravos, feitos

*Estão já dentro todas as crianças?*

Estão já dentro todas as crianças?

A noite vem e as núvens se encastelam, Toldando, em seu negror, o céu d'amil; Os animais para um abrigo apelman, E os passarinhos vão fugindo aos mil; Trovões estalam, rompe a tempestade, A treva estende o manto sem bardanças. — Estão já dentro todas as crianças?

*Estão já dentro todas as crianças?*

A noite vem, a noite em que o pecado Campeia tredo pela rua afora, Buscando o incauto, o jovem descuidado, Prendendo-o em suas teias sem demora. O' mães, cerrai-lhe presto a vossa porta, Guardai ciosas vossas esperanças.

— Estão já dentro todas as crianças?

*Estão já dentro todas as crianças?*

A noite vem, da morte a noite escura; Jesus indica o meio da vitória! «Vigia sempre e tua fé segura!» E quando enfim chegar o Rei em glória E nas mansões celestiais entrarmos, Gozemos nós as bemaventuranças, Tendo lá dentro todas as crianças.

VISADO PELA COMISSÃO  
DE CENSURA

pelos árabes no interior, estão bem vivas nas memórias de nossos pais.» E então este homem Bambara continuou a explicar sobre longas filas de homens e mulheres, cansados, chicoteados e conduzidos para a costa, cada um com pesado colar de ferro em volta do pescoço e com uma corrente ligando os escravos uns aos outros. Acontecia às vezes nas aldeias por onde passavam estas filas de escravos condenados, um chefe local ou rei via algum amigo conduzido para a escravatura e que desejava remir. Isto ele podia fazê-lo, se pagasse ao árabe bastante ouro, prata, cobre ou marfim. Para remir um amigo, ele literalmente tirava a sua cabeça do colar de ferro.

«É assim também hoje, quando os evangelistas falam ao povo do amor redentor de Deus em Jesus Cristo explicam aos grupos, acotovelando-se em volta da fogueira da aldeia à noite, que Deus viu-nos na escravidão para o pecado e egoísmo, sendo sob o chicote de Satanás, e então Ele enviou o Seu Filho para morrer a fim de que os homens pudessem viver. Desta maneira Ele remiu-nos. Literalmente, Ele tirou as nossas cabeças. E mais ainda, eles explicam que, exactamente como nos tempos antigos, o escravo remido sentia uma obrigação de servir por toda a vida o que o havia remido, assim também nos devemos considerar voluntariamente escravos de Jesus Cristo.»—*God's Word in Man's Language*.

Havendo sido assim maravilhosamente remidos da terrível escravatura de Satanás, o Senhor continua o processo de preparação para o céu, purificando o Seu povo e santificando-o. A santificação e purificação são uma experiência cristã vital. O termo «santo» ou «santificado» ocorre muito frequentemente na linguagem do Novo Testamento. Não receamos esta palavra «santo». Ele expressa precisamente o que Deus espera que cada um dos Seus seguidores seja.

Os cristãos primitivos falavam assim uns dos outros. Os seus companheiros cristãos eram «santos» ou «santificados». Para eles, santidade ou santificação era uma expe-

riência diária. Não era uma teoria religiosa mística, semi-compreendida. Significa viver a vida cristã como as Escrituras o ensinam. Ser um membro da igreja cristã significava ser um santo. A razão de ser-se membro de igreja é essa. Não se havia de esperar que as pessoas morressem para que fossem elevadas à santidade. Comerciantes, fazendeiros, donas de casa, todos eram santos mesmo ao se ocuparem nas suas actividades diárias. Faziam-se negócios com lojistas que se haviam tornado santos. Os campos eram lavrados e plantados por santos. Os santos haviam merecido bem a reputação de honestidade e de justiça. Os seus inimigos desprezaram-nos e os depreciaram por causa da sua fé peculiar, mas foram forçados a admitir a superioridade das suas vidas, o fruto da sua religião era tão continuamente evidente em sua vida diária.

O apóstolo Paulo em Tito também diz que o povo de Deus é «um povo especial». O termo «especial» como aqui é empregado não encerra a ideia de ridículo ou de excêntrico. Pode acontecer que alguns, pelo zelo sem o conhecimento, tenham dado ocasião ao seu emprego neste sentido, mas Paulo certamente não tinha essa intenção. É-nos dito que a palavra como é empregada no original deriva de dois termos gregos, um significando «em volta» como um círculo, e o outro «ser», e que o verdadeiro sentido pode bem ser representado por um círculo com um ponto no centro, indicando que Deus encontra-se em volta de nós como um círculo em volta dum ponto.

Que bela e consoladora imagem é esta da segura protecção de Deus e do cuidado constante por Seu povo. Ele comprou-nos e agora cuidadosamente nos guarda. Os Seus seguidores tornaram-se neste sentido Seus, duma maneira especial única. Na Terra não há outros como eles. Há pois uma linha bem visível de demarcação entre eles e todos os outros. Eles são diferentes e a diferença é bem evidente. Estando colocados no círculo do amor e cuidado de Deus não significa inactividade e apatia. Mui-

to ao contrário, porque a Escritura diz que o povo de Deus é zeloso de boas obras ou, como põe a tradução de Moffat, «eles têm um deleite pelas boas obras.» Ainda mais forte é a expressão do Novo Testamento em inglês básico: «Um povo limpo de coração e ardendo com boas acções.» É evidente que a obra da graça de Deus tem realizado qualquer coisa de maravilhoso nas vidas do Seu povo. Uma chama tem sido acesa que não pode ser extinta. A mudança neles tem sido mais do que uma mera exterioridade. Tem penetrado nos lugares profundos do seu ser. Por isso eles têm um deleite pelas boas obras. Incendeia-os para Deus. Se jamais houve uma dúvida na mente de alguém que tal é o resultado da manifestação da graça de Deus na vida, que esse alguém olhe para o relato da igreja do Novo Testamento e para os seus membros em fogo para o Senhor. Procurai fazer como faziam os seus inimigos, nunca poderiam extinguir a chama. Ardia cada vez mais brilhantemente e era levada cada vez mais longe a todas as terras circunvizinhas, apesar do mais severo ódio e oposição determinada que nunca hesita nos seus esforços por extinguir a chama. Eis o relato: «Mas os que andavam dispersos iam por toda a parte, anunciando a palavra.» Actos 8:4.

A perseguição só parecia dar mais ímpeto ao seu zelo. Não só destemidamente enfrentavam a perseguição e os seus cruéis executores, como também com igual firmeza viviam diariamente a vida cristã conseqüente nos lares e suas vizinhanças, a ponto de darem um testemunho eloquente e convincente a muitos pagãos que os observavam. O historiador Soence no seu livro *Cristianismo Primitivo e Paganismo* faz uma pergunta e depois responde: «O que ocasionou a conversão súbita e rápida da maioria dos povos do império?... Parece que uma profunda impressão foi exercida sobre os habitantes de muitas províncias pela conduta dos cristãos durante a última terrível perseguição movida sob Diocleciano e seus colegas, de forma que quando foi proclamado o de-



creto imperial a favor da seita, há muito perseguida, encontrou uma pronta aceitação entre a multidão. Mas muito já havia sido feito pelo ensino e prática dos cristãos para ganhar o coração dos povos durante os dois séculos e meio que haviam precedido. A semente havia sido lançada e só necessitava dum impulso poderoso para a fazer amadurecer, como já nos referimos. Os homens vieram a conhecer a pouco e pouco o que o cristianismo era realmente, que sistema puro e nobre ele ensinava e quão capaz era de realização na vida prática... Uma das causas mais importantes do seu êxito foi o ter produzido mais actos heróicos e formado mais vidas justas do que qualquer outro credo.» — Id. pp. 494, 495.

Estes cristãos dos primeiros séculos, simples e consagrados, foram realmente um elemento benfazejo na sua geração. O seu zelo pelas boas obras suscitou vidas santas e mesmo uma santa audácia em face da morte, o que foi uma causa de assombro para todos quantos disso foram testemunhas. Estes primeiros discípulos reconheciam as suas responsabilidades para com Deus e a verdade, e estavam prontos a dar o seu testemunho em todas as circunstâncias e por qualquer preço.

O zelo por Deus e Sua causa impulsionava os discípulos a dar testemunho do Evangelho com grande poder. Não deveria um tal zelo inflamar os nossos corações, com a determinação de contar a história do amor redentor de Cristo e Este crucificado? É um privilégio de cada cristão não somente aguardar mas também apressar a vinda do Salvador.» — *Actos dos Apóstolos*, p. 600.

«Cristo confiou à Igreja um sagrado encargo. Cada membro deve ser um canal através do qual Deus pode comunicar ao mundo os tesouros da Sua graça, as insondáveis riquezas de Cristo. Não existe nada que o Salvador deseje tanto como agentes que o representem ao mundo o Seu Espírito e o Seu carácter. Nada existe que o mundo necessite mais do que a manifestação do amor do salvador

através da humanidade. Todo o céu está à espera de homens e mulheres por cujo intermédio possa Deus revelar o poder do cristianismo. *Idem*, p. 600.

A mensageira do Senhor convidava-nos instantaneamente a consagrar a nossa vida ao Serviço de Deus: «Se a Igreja se revestir do manto da justiça de Cristo, deixando qualquer aliança com o mundo, raiará para ela o amanhecer de um dia brilhante e glorioso. As promessas de Deus a ela feitas serão sempre firmes. Ele fará dela uma excelência eterna, um gozo de muitas gerações.» *Idem*, pp. 600 e 601.

As Escrituras ensinam claramente que o povo adventista, que ama a bem-aventurada esperança da aparição do Senhor em glória, deve ser um povo à parte. A redenção e a purificação fizeram dos que pertencem a este povo o tesouro peculiar e cuidadosamente guardado por Deus nesta Terra. A manifestação da Sua graça produziu na sua vida uma transformação maravilhosa de todos os seus costumes. O Seu poder divino os sustentará continuamente, suscitando uma activa vida cristã. Deus não os tira do mundo mas faz o necessário para os preservar do mal que nele campeia. Há, perto e longe, sinceros adoradores do Senhor que, por sua vida consequente, dão convincente testemunho em favor de Deus e da Sua verdade. Em Takoma Park (Washington), um casal visitava o apartamento de uma família adventista com intenção de o alugar. Os eventuais inquilinos informaram-se sobre os seus vizinhos. Perguntaram: «São adventistas». Deste modo, eles queriam ter por vizinhos pessoas adventistas. Quem eram os adventistas que eles tinham conhecido anteriormente? Ignoro-o. Mas estou persuadido que eles eram fiéis e se esforçavam diariamente por exemplificar a verdade que eles professaram.

O propósito de Deus é que a fé adventista modele o mais elevado carácter que jamais foi possível ver no mundo. O resultado da abundante luz a este povo concedida deve ser visível na vida individual de cada membro. Tornar-se adven-

tista do sétimo dia não é simplesmente mudar de igreja, nem observar o sábado em vez de domingo. Aceitar a fé adventista é entregar-se a si-mesmo em vista de obedecer a Deus duma maneira incondicional e esforçar-se, pela Sua graça, por viver fiel e continuamente os princípios celestes que nos foram revelados. Necessitamos, pois, renunciar «à impiedade e às concupiscências mundanas» e viver «neste século sóbria, e justa, e piamente.» Que esta semana de oração marque a nossa consagração total a Deus e a nossa submissão absoluta à Sua verdade, a fim de que nova alegria e certeza encham os nossos corações e nos façam uma fonte de bênçãos para todos com que entramos em contacto. Possam as palavras do Salmista serem verdadeiras no que diz respeito ao Seu povo de hoje.» Desde Sião, a perfeição da formosura, resplandeceu Deus.» *Sall.* 50:2. Vivemos numa época em que todos os acontecimentos nos convidam a consagrar-nos a Deus e a aceitar a Sua soberania. A nossa fervorosa oração é que esta semana não termine sem que tenha trazido a cada adventista auxílio e encorajamento.

Para este efeito, tomemos a peito a exortação da Mensageira inspirada de Deus: «Olhai para cima, olhai para cima, e deixai que a vossa fé aumente continuamente. Permitti que essa fé vos guie pelo caminho estreito que, através dos portais da cidade de Deus, conduz ao grande além, ao amplo, ilimitado futuro de glória destinada aos remidos.» — *Test. Selectos*, vol. 3, p. 434.

## EMISSÕES ADVENTISTAS

Temos o prazer de anunciar que, desde 15 de Julho, as emissões adventistas portuguesas se podem ouvir, em melhores condições do que anteriormente, através de

### Rádio África Tânger

506 m (593 kc), todas as segundas-feiras, às 22 horas.

Ouvi e anunciai

